

**APOLOGIA DE VINICIUS DE MORAES:
(AOS POETAS, À VIDA E À MUSA)**

Márcio Catunda

1. Aos Poetas

2. À Vida

3. À Musa

AOS POETAS

Poetas meus, no dia 19 de outubro de 1913 veio ao mundo um poeta predestinado a ser um ídolo. Vinicius de Moraes, o nosso guia entre os oráculos, nasceu numa família de pessoas cultas e sensíveis, que lhe proporcionaram ambiente propício para tornar-se um porta-voz do lirismo. Sua missão foi a de vivenciar a poesia em seu estado natural, como atestou o iluminado Carlos Drummond de Andrade. Versátil na forma, no estilo e na essência, a sua virtude fundamental foi transitar entre a poesia erudita, que aprimorou com a leitura de grandes poetas, e a poesia popular, em que usou nas letras das músicas toda a habilidade de poeta culto. Em ambas expressões, uma marca permanente: a emoção, a sensualidade, o encanto diante da beleza. Não menos relevante em sua expressão, certa tonalidade de angústia o caracteriza como um poeta de sensibilidade à flor da pele.

Viajemos agora, poetas, no itinerário existencial de Vinicius de Moraes e estudemos-lhe as vicissitudes. Uma infância de encantamentos, entre a rua Voluntários da Pátria e a Ilha do Governador, sentou as bases sentimentais do futuro poeta. A educação conservadora no Colégio Santo Inácio e a influência de Octávio de Faria, no período da Faculdade de Direito do Catete, na década de 30, contribuíram para forjar um conflito em seu pensamento. Vinicius levou a sério as idéias puritanas do catolicismo fanático do amigo romancista Octávio de Faria, sob o influxo intelectual de Jackson de Figueiredo e de Alceu Amoroso Lima, com leituras de Pascal e Kierkegaard. No entanto, ele teve, desde a infância, uma alma libertária. Tinha, portanto, uma vida dupla. Para uns era o jovem católico, estudioso, místico e esotérico. Para outros, era o rapaz que praticava «jiu-jitsu» e namorava com as meninas bonitas da ilha do Governador e da rua Lopes Quintas. Para ele mesmo, instalou-se em seu espírito uma luta antagônica entre a espiritualidade forçada dos jesuítas e as tentações da beleza feminina. Para o culto da deusa-mulher, foram-lhe decisivas a influência dos tios boêmios, Henriquinho (irmão de Clodoaldo, seu pai) que ensinou-lhe a gostar da noite e apreciar as mulheres, e Aníbal Santos Cruz, o Niboca, (irmão de dona Lídia, sua mãe) que o iniciou nos âmbitos da música popular. A herança de berço parece fundamental em sua formação. Vinicius começou na poesia imitando o próprio pai, o Dr. Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e discípulo de Olavo Bilac. E aprendeu o gosto pela música com o exemplo de sua mãe, dona Lídia, excelente pianista.

Ora, meus amigos, o nosso poeta sempre soube o que queria. E começou a sua autonomia de pensamento quando definiu o que não queria. Formou-se em Direito no ano de 1933, mas jamais exerceu a advocacia. Ao menos conseguiu, a duras penas, cumprir com as obrigações do Serviço Militar. Sua irmã Lygia o despertava todos os dias às seis horas da manhã. Do contrário, como conseguiria tal proeza? Chegou a fazer um estágio num cartório e sentiu horror da advocacia, que abandonou definitivamente. A poesia era a sua única vocação, efetivamente. E nessa arte encantadora, como quem se liberta de um fardo que lhe impuseram, foi trocando os temas da abstração mística pelos do amor humano. Têm razão os críticos, quando encontram duas fases distintas na sua obra poética. É verdade. Mas, do espiritualismo delirante da primeira ao sensualismo arrebatado da segunda, observa-se uma linha definidora em sua concepção poética: o poeta iluminado pelo encantamento. Trata-se de um místico que trocou a fé num Deus pela devoção a uma deusa. Nessa metamorfose, meus amigos, a mulher passou a ser a potestade absoluta da sua religião, sendo o corpo, a beleza e o amor da musa a sua dimensão suprema. Em *A brusca poesia da mulher amada*, vê-se que o quanto a mulher significa para ele. A expectativa, a esperança e a perspectiva redentora da mulher amada se anunciam «de modo sumamente grave», isto é, com solenidade sacra e ritualística. A sua presença se manifesta, delicada e voluptuosamente, no rastro da sua fragrância. Em muitos poemas ele registra essa mesma marca insofismável. A beleza sublime, as imagens do mar («vem mergulhar em mim»), ou do mistério («mulher que eu amo, essência perdida num ar de inverno») revelam a transcendência do amor carnal, a sua transfiguração metafísica.

O certo é que sua predileção pelo culto às qualidades da mulher vem de muito moço. Num poema evocativo, ele lembra que, adolescente, assediava uma menina de nome Marina, filha de pescadores, na praia do Cocotá, na ilha do Governador. Recorda, num poema cheio de ternura, aquela menina meiga que, sob o influxo de um céu estrelado, escapava de seus beijos sedutores com dentadas, o que não impedia de sentir-lhe o cheiro a peixe e o bafo de sal. Também digno de nota é o poema *Rosário*, alusivo a outra de suas musas da primeira juventude. Ele declara que se perdeu «no mangue daquela carne», na mesma citada praia e que a moça «tinha gosto de cana brava».

Vejamos, meus amigos, nesta confissão que define a sua personalidade, o quanto Vinicius se devotou à arte da poesia e de que maneira elegeu os seus temas favoritos: «Sou fundamentalmente um poeta e músico desde pequeno, mas o que

me interessa no mundo é a mulher. Depois da mulher, o povo. E depois os amigos, que são muitos, embora os verdadeiros sejam poucos». Nesse mesmo teor também é esta revelação objetiva: «fui salvo pela mulher». Portanto, como ele mesmo confessa, está na essência da sua arte divinatória o endeusamento da mulher. Essa evidência fica mais explícita em *Invocação da mulher única*, quando a imagem feminina é identificada com a própria poesia: «oh mulher, espécie adorável de poesia eterna». O poema *Conjugação da ausente* também exemplifica a transcendência da mulher, quando são conjugados os verbos da paixão: amar, venerar, idolatrar aquela que, mesmo ausente, se reflete no jardim que murcha em antúrios, na porta que a emoldura e em cada prisma, na forma de múltipla esperança.

Foi o grande Vinicius um menino «valente e caprino», como ele disse em *O Poeta Aprendiz*. Através desta generosa evocação, sabemos o quanto o nosso ídolo curtiu a idade infantil: corria, pulava, gostava de jogar futebol «de meia-direita ou de ponta». Mas, sobretudo, «amava era amar». Desde a infância! Claro, poetas, todo homem é um menino e todo menino é um homem. Pois desde criança que ele manifestava a sua admiração pela mulher. Não se furtava ao hábito de deleitar-se com o que há de melhor no mundo. No que diz respeito aos atributos femininos, é ele mesmo quem diz, como de praxe, sem qualquer reserva: «amava a mulher a mais não poder. Por isso fazia seu grão de poesia e achava bonita a palavra escrita». Vinicius declara, desse modo, que já pressentia a procedência da sua principal fonte de inspiração. «Por isso sofria/ de melancolia,/ de sonhar o poeta/ que quem sabe um dia/poderia ser». E assim também mostra que adivinhava o que iria sofrer por não saber viver sem poesia. Os versos deste poema, escrito em Montevideu, em 1958, quando Vinicius tinha 45 anos, definem a sua poética. As principais linhas da sua filosofia de vida estão nesta balada evocativa.

Com sua espontaneidade e versatilidade, Vinicius não se sujeitaria aos cânones da poesia erudita. Sua vocação de letrista e músico é simultânea à de poeta de livro. Um ano antes de publicar *O Caminho para a distância*, aos 19 anos de idade, em 1933, ele já havia escrito a letra da canção *Loura ou Morena*, em parceria com Haroldo Tapajós. Neste seu primeiro livro é notório o conflito entre a busca da espiritualidade e as tentações da carne. Ou, como constatou Octávio de Faria: “entre a impossível pureza e a impureza inaceitável”. Não obstante as grandes iluminações já presentes no seu imaginário, foi, obviamente, um livro imaturo, se comparado com os que ele escreveu depois. Teve forte influência de Augusto Frederico Schmidt, que foi o seu editor. Otto Lara Resende

observou que Vinicius sentia-se dotado do privilégio de sondar o infinito e abatido pela angústia de não poder compreendê-lo. Aqui podemos cogitar da influência de Nietzsche e Kierkegaard. Mas, também, digo eu, já se fazia presente a inquietação do amor sensual que se manifestaria ao longo da sua obra poética. Vejamos essa grandeza nos primeiros versos de *A que há de vir*: «Aquele que dormirá comigo todas as luas/é a desejada de minha alma./Ela me dará o amor do seu coração/ e me dará o amor da sua carne». Vejamos agora a mesma ressonância nos versos finais do poema *Carne*: «Em tudo eu sinto o teu olhar se desdobrando/na carícia violenta do teu beijo. Que importa a distância e que importa a montanha/ se tu és a extensão da carne sempre presente?»

Aos poucos, nos livros seguintes, ele assumirá definitivamente a condição de mergulhador que sonda permanentemente a escura voragem dos olhos e da alma das mulheres. Em delírios de melancolia e êxtase, atravessará as estações da veneração da mulher e percorrerá, do lirismo à denúncia, o caminho da rejeição do convencional. No decorrer da efusão de sua angústia transcendental assumirá com toda convicção o estigma das paixões. Antes, nos primórdios do seu itinerário sentimental, Vinicius apenas pressentia, não adivinhava o seu destino marcado por emocionantes aventuras, nove casamentos, incontáveis viagens e a fama de ícone fundador da Bossa Nova.

Amigos que tanto estimo, afirmo que o extraordinário em Vinicius é o contraste entre aquele «inquilino do sublime», percebido Otto Lara Resende, e o exemplo de «ternura canibal», no dizer de Affonso Romano de Sant'Anna. Desta mescla de tendências exacerbadas resultou o desespero lírico que o motivou a cantar a eterna esperança na plenitude do amor. A buscar, talvez, na mulher o ideal de perfeição? Ou a buscar, como dito na «Elegia ao primeiro amigo», «alguma coisa maior que o amor e a carne».

Em sua trajetória de ascensão intelectual, nosso ídolo exerceu o cargo de censor cinematográfico, no Ministério da Educação, no ano de 1936. Emprego que lhe arranhou Carlos Drummond de Andrade, que era na época secretário do poderoso Ministro Capanema. Jamais censurou filme algum. Movido de paixão antiga pelo cinema, interessava-se por apreciar a arte e não queria proibir nada. Nunca teve tendências repressoras, foi sempre um liberal. O que lhe importava era escrever e viver a poesia. E o cinema era para ele «elemento original de poesia e plástica infinitos». Assim foi ele conquistando as glórias da consagração, com a publicação de sucessivos livros, nos quais se nota, cada vez menos, a embriaguês pela vertigem das grandes abstrações que Otto Lara Resende viu em *O Caminho para a distância*. Vieram

Forma e Exegese, em 1935, *Ariana a Mulher*, em 1936 e *Novos Poemas*, em 1938. *Forma e Exegese* recebeu de Octávio de Faria estes efusivos elogios: «uma sonoridade, uma beleza musical que está nas melhores coisas de Verlaine como nos momentos de visão de Rimbaud ou em certas passagens da obra de Claudel moço». De fato, num só verso, tomado ao acaso, vejo essa evidência: «viemos de longe – trazemos em nós o orgulho do anjo rebelado...» Mas o seu discurso ainda estava impregnado de certa dolência simbolista. Contudo, em *Forma e Exegese* figuram alguns dos textos antológicos do poeta, tais como *Ausência*, *A volta da mulher morena*, *Alba*, *Três Respostas em Face de Deus* e *Os malditos*.

Ariana, a mulher tem ainda a tendência ao devaneio imagético da sua poesia inicial, configurado nas sombras de uma natureza fantástica, em que Ariana, a procurada, é o arquétipo da pureza «branca e sereníssima». Mas este poema é considerado por alguns críticos a linha demarcatória em sua evolução da busca do ideal inatingível à integração no cotidiano. De fato, são emblemáticos os versos: «foi então que compreendi que só em mim havia morte e que tudo estava profundamente vivo». Tem razão Pedro Lyra, quando afirma, no prefácio da antologia *Nossos Clássicos*, que Vinicius realiza, nos versos de *Ariana, a mulher* um momento de plenitude em seu lirismo amoroso.

Em 1938, com uma bolsa do Conselho Britânico, que consegui, mediante o argumento de que o livro *Forma e Exegese* havia recebido o Prêmio Felipe d'Oliveira, Vinicius parte para a Inglaterra, onde passará dois anos, estudando literatura inglesa, na Universidade de Oxford. Quando já se encontrava entre as névoas inglesas, casou-se por procuração com Beatriz Azevedo de Mello, a Tati, de tradicional família paulista que, para tanto, rompeu um noivado, atônita ante os encantos do poeta. Foi no Rio de Janeiro que se realizou a cerimônia civil do casamento com aquela moça intelectual, amiga de Oswald de Andrade e de Tarsila do Amaral. Para Tati, que é a mãe de Susana e Pedro, Vinicius escreveu sonetos lindos como o *de Fidelidade*, o *de Véspera*, o *de Separação* e as *Cinco elegias*, todos de um lirismo alucinante.

Vejamos o impacto estarrecedor deste *Soneto de Separação*, escrito a bordo do navio em que o poeta viajava à Inglaterra, em 1938. Ele constata, através dos contrastes riso-pranto, bocas-espuma, mãos espalmadas-espanto, calma-vento, olhos-chama, paixão-pressentimento, a emoção e o pasmo diante da súbita desunião dos amantes. O súbito pranto substitui o riso dos momentos de diversão e carícias. O pranto, silencioso e branco, simboliza o vazio da ruptura do amor, que foi pleno de rumores –

como uma festa - e de cores – como uma paisagem. O pranto é a chuva que escorre da bruma do adeus e ofusca o sol da alegria.

A espuma representa a transitoriedade e a transformação do amor em solidão. Nessa penosa situação, o poeta vislumbra a imagem das bocas unidas, dissolvendo-se em borbulhas. Das mãos espalmadas (mãos que se abriram, depois de tanto tempo entrelaçadas) fez-se o espanto. A separação provoca-lhe um susto, perplexidade súbita em que se interrompem os momentos de êxtase e as mãos ficam suspensas, num gesto inconcluso, paralisadas, o olhar fica imóvel e o espírito permanece abatido. Da calma dos carinhos fez-se o vento que, na despedida, apagou o fogo da sedução que cintilava nos olhos enamorados. E a paixão transformou-se no pressentimento do adeus, no drama do momento imóvel.

Tudo no poema denota surpresa: «de repente, não mais que de repente,/ fez-se de triste o que se fez amante». A frustração da separação deixa um rastro de tristeza na recordação do que outrora foi amante. E o poeta lamenta essa tristeza: «fez-se sozinho o que se fez contente». Solidão e tristeza, sentimentos que inspiram este soneto, são o legado do apaixonado que, solitário, recorda os momentos de sentimento compartilhado. Lamentando não poder prolongar infinitamente a experiência do amor, a vida fez-se, para o poeta, «uma aventura errante». Este soneto tornou-se emblemático da manifestação de saudade para os que, na inconsolável situação de amar à distância, em pensamento, dentro dos limites impostos por circunstâncias imponderáveis, não se conformam com a dor da separação.

Cheio de angústia, sozinho diante das torres frias e esguias de Londres, escreveu o *Soneto de Véspera*, datado de 1939, em que denota o transbordamento de ansiedade pela chegada da musa. O emocionado trovador pergunta a si mesmo de que modo se comportará no instante supremo do ansiado encontro. Apaixonadíssimo, prevê um reencontro comovido, entre beijos em pranto, com gestos calorosos, mais que com palavras. Nesses momentos de exacerbação emotiva, a fala não chega até a função intelectual do cérebro, e a voz embargada não consegue expressar em palavras o transbordamento da paixão. Dilacerado pela dor da ausência, pela mágoa da solidão, o poeta reconhece que lhe faltará capacidade de expressão para narrar à sua amada a sofrida experiência do período do distanciamento: «e que farei da antiga mágoa quando/não puder te dizer por que chorei?». Supõe, nesse transe, que lhe permanecerá na alma um resquício de tristeza: «sombra em mim suspensa/pelo martírio da memória imensa/que a distância criou – fria de vida». No sonho da espera, deixa-se

afetar pela ingrata condição de estar solitário, martirizado pela «memória imensa que a distância criou, fria de vida». Essa memória suscita a imagem fria de vida, que o amante compôs «serena, atenta ao meu apelo e à minha pena/ e que quisera nunca mais perdida...». Deplora que haja esperando tanto para rever a sua adorada, cuja imagem não deseja perder e quer sempre atenta ao seu apelo e à sua pena.

Apesar da angústia que sentiu ante os sinos de Oxford, que consolaram-lhe as mágoas, pôde desfrutar da companhia de Tati que foi morar em Londres, no bairro de Chelsea, cujos telhados refletidos pela luz da aurora o poeta cantou embevecido. Os austeros professores oxfordianos não podiam saber que ele era casado, pois, apesar de haverem tido, na Idade Média, o rei Henrique VIII, o mais casadoiro da história, tinham a mania do celibato e a universidade só admitia alunos solteiros. Enganando os fleumáticos britânicos, saía o poeta às escondidas, num trem de Oxford a Londres, para encontrar com Tati e escrever-lhe coisas apaixonadas e sensuais como aquele *Soneto de Agosto*, que diz «quisera que te vissem como eu via,/depois, à luz da lâmpada macia,/ o púbis negro sobre o corpo branco».

Apesar dos primeiros difíceis momentos de saudade, o poeta adorou a Inglaterra e estudou tanto quanto se divertiu, aprimorando os conhecimentos literários e praticando remo no Tâmis. Mas, ao começar a guerra, interrompeu o curso e a tese sobre Shakespeare. No trajeto de regresso ao Brasil, passou por Portugal e ali, na praia do Estoril, escreveu o famoso «Soneto de Fidelidade», de tonalidade camoniana, em que teve a intuição da forma como sentirá o amor em suas diversas paixões: «que não seja imortal posto que é chama,/mas que seja infinito enquanto dure». Foi morar em São Paulo, já pensando em viver no Rio, único habitat em que se sentiu como o peixe na água. De 1940 a 1945, escreveu espirituosos artigos sobre cinema no jornal *A Manhã*. Só de birra e pelo gosto de polemizar com Ribeiro Couto, dizia que o cinema mudo era melhor do que o falado. Acabou sendo afastado da atividade jornalística por um interventor militar. Aquela foi uma fase de transformação em sua compreensão da vida. Ele mesmo confessou que na juventude achava que deveria ser um aristocrata do espírito. A mudança ideológica aconteceu a partir de uma viagem que fez, em 1942, com o escritor norte-americano Waldo Frank, um socialista-místico, com quem percorreu cidades do Norte e do Nordeste brasileiros. Desse tempo em diante começou a escrever poemas de protesto e abordar, mais amiúde, os denominados temas de sociais da poesia. É dessa fase a publicação das *Cinco elegias*, editadas em 1943, que representam a fase de

transição do seu transcendentalismo à aproximação do mundo material. O primeiro verso da «Elegia quase uma ode» - «meu sonho, eu te perdi; tornei-me em homem» - parece uma confissão do seu desejo de contato com a realidade cotidiana. Com argúcia, Manuel Bandeira anunciou as *Cinco elegias* como algo que escandalizaria o mundo: «era de toda conveniência que estes poemas aparecessem quanto antes para nos lavar o peito e os olhos dos contatos impuros: para nos levar, como leva, Poesia, desgraçadamente Poesia, «à borda dos abismos irreais que depois eram abismos verdadeiros». Dessas legendárias elegias vinicianas Ivan Junqueira louva «o humor, a tragicidade, o lirismo romântico e a sensualidade cósmica». De fato, basta elegermos um único verso para notarmos a marca registrada do poeta da paixão, adorador das encantadoras formas estéticas: «hoje me sinto despojado de tudo que não seja música». Mas, vejamos ainda, nesta expressão de desespero, o clamor angustiado que lhe é peculiar: «que se abracem as montanhas do mundo para apagar o rastro do poeta».

Paradoxalmente, depois da mudança de perspectiva e de ideologia, no ano em que editou as *Cinco elegias*, Vinicius fez concurso e ingressou no Itamaraty. Justificativa: «porque não sabia fazer nada», como afirmou diversas vezes. Depois que o nosso herói se tornou diplomata - pasmem, poetas! - sofreu ele, em 1945, um desastre na viagem inaugural do hidroavião «Leonel de Marnier», no Uruguai. Meteu-se naquele artefato perigoso com os temerários Aníbal Machado e Moacyr Werneck de Castro e com eles escapou ileso. Mas daquele sinistro resultou a morte do jornalista Luis Teixeira. («uma coisa é um pássaro que voa, outra um avião», dirá VM, perplexo e atordoado). Mesmo depois desse terrível susto e o medo que lhe resultou da experiência, continuou a viajar intensamente. A tanto, o obrigaram a nova profissão e a ambição de espalhar os seus cantos em todos os recantos. Vieram os postos diplomáticos. Primeiro Los Angeles, onde foi viver em 1946 e onde fez amizade com Orson Welles, Walt Disney, Louis Armstrong e outros grandes do cinema e da música norte-americanos.

Será, efetivamente, em *Poemas, sonetos e baladas*, livro de 1946, que VM realizará o encontro com o cotidiano. Na «Balada dos Mortos dos Campos de Concentração», em «O Dia da Criação», na «Balada do Mangue e outros, nota-se forte inclinação pelo compromisso participante. A «Balada do Mangue», poema em que Vinicius se compadece do sofrimento das prostitutas, caracteriza essa tendência, por suas metáforas de estonteante naturalismo: «pobres flores gonocócicas/que à noite despetalais /as vossas pétalas tóxicas». Os estudiosos reconhecem que o discurso poético de Vinicius tornou-se mais objetivo. As longas frases de prosódia

bíblica se converteram em imprescindíveis estruturas sintéticas. Antônio Cândido julga haver encontrado nesse livro «Vinicius inteiro, o de antes e o de depois, o que apela para a transcendência e o que realiza o verso correndo os dedos pelo violão». A plêiade dos seus seguidores é quase unânime em assegurar que nos *Poemas, Baladas e Sonetos* já não prevalece obsessiva busca do absoluto. Desponta, em vez disso, o humanismo da solidariedade, a denúncia das contradições burguesas e a expressão mais ardente do amor erótico. Esses aspectos se poderiam ilustrar com o «Poema de Natal», «O Dia da Criação» e «O Poeta e a Lua», respectivamente. Não obstante, permanece em muitos momentos o lirismo desbragado e a preocupação metafísica que ele jamais deixará de lado. «Cântico», «A Morte» e os magníficos «Quatro Sonetos de Meditação» atestam o tom arrebatado e o extravasamento emocional constantes em sua poesia. O soneto de número IV tem um clima de espiritualidade que mostra a sua insatisfação com a impossibilidade de igualar-se ao infinito: «sou o mar», diz ele. E, todavia, depara com a angústia de ser mortalmente precário: «me espedaço em vão contra o infinito». Há nessa hipérbole uma sombra da loucura de Mário de Sá Carneiro, que diz, no auge da sua psicose: «olho do alto o gelo, ao gelo me arremeço... Tombei... E fico só esmagado sobre mim!...». É a dor de saber que o ser vivo não passa de um «mar patético e sonâmbulo», submetido aos «bruxos velhos e devassos» do vento.

Não posso deixar de concordar com David Mourão Ferreira quando ele argumenta que o sonho místico de Vinicius permanece velado e permeia o ideário de toda a sua obra poética. O espectro religioso, na forma de consciência moral de uma doutrina cristã, realça como um eco do idealismo dos primeiros versos e ressoa no seu afã de encontrar o equilíbrio entre a alma e o corpo. Segundo o poeta português, «as saudosas alusões à inocência perdida, a fome de absoluto e de purificação, o apetite de ascese no meio do delírio dos sentidos», evidentes em qualquer instância da sua poesia, seriam as provas inequívocas.

Essa permanente inquietação existencial o afetará de tal sorte perturbará a sua vida conjugal. No contexto de imponderáveis contingências, o casamento com Tati atravessou uma crise insuperável. O poeta «aprontou», isto é, apaixonou-se por outra, ao que tudo indica. O certo é que, pouco depois, passou a ser visto freqüentemente na companhia de Regina Pederneiras, uma funcionária do Ministério das Relações Exteriores. Não tardou muito e, em 1951, apaixonou-se por Lila Bôscoli, que veio a ser sua terceira mulher e que será a mãe de suas filhas Luciana e Georgiana. Rubem Braga foi o alcoviteiro, ou o padrinho. Ao

apresentá-los, disse à musa e ao poeta: «tenho certeza que vocês vão se apaixonar um pelo outro». Dito e feito. Quando o irmão de Lila, Ronaldo Bôscoli, grande parceiro de Tom Jobim, foi saber quais eram as intenções de Vinicius este lhe disse: «Neguinho, eu entendo o seu zelo, mas este não é um caso banal, de fim de verão...». O compositor passou a um dos seus companheiros de boemia. Para Lila, Vinicius escreveu, entre outros, o *Poema dos Olhos da Amada*. Era irresistível, para uma mulher sentimental como Lila Bôscoli, ouvir o poetinha dizer-lhe: «oh minha amada que olhos os teus/são cais noturnos cheios de adeus/são docas mansas trilhando luzes/ que brilham longe,/ longe nos breus». Fez para ela também o *Soneto do amor total*, em que, logo nos primeiros versos, declarou sua paixão nesses rendidos termos: «amo-te tanto meu amor, não cante/o humano coração com mais verdade». E disse da completude do seu amor: «amo-te enfim com grande liberdade,/dentro da eternidade e a cada instante».

Para Vinicius de Moraes, a razão de ser da vida é devotar-nos por inteiro a quem amamos, numa liberdade quase infinita, limitada apenas pela duração da própria vida. Por isso tanto nos deliciamos ao ler, no *Soneto do amor total*, que ele teve a certeza de cantar o humano coração com a maior verdade, ao sentir aquele amor de amigo e de amante. Amor de amigo - de um calmo amor prestante. E de amante - «como um bicho simplesmente,/ de um amor sem mistério e sem virtude,/ com um desejo maciço e permanente». E desse amor obsessivo, imenso, absoluto, sabe que morrerá, porque nele se projeta para além das forças da própria vida: «de te amar assim, muito e amiúde,/ é que um dia, em teu corpo de repente,/ hei de morrer de amar mais do que pude». Eros e Tântatos, conjurados, consagram as suas potestades na pessoa do enamorado. Orfeu, morto de amor, encontra um discípulo fiel em Vinicius de Moraes. Assim será por toda a sua vida. Em permanente estado de paixão, diz ele em «Por toda a minha vida»: «Minha bem amada/quero te fazer de um juramento uma canção./ Eu prometo por toda a minha vida/ser somente teu e amar-te como nunca/ninguém jamais amou».

Com Lila Bôscoli viveu Vinicius em Paris, entre 1953 e 1957, onde trabalhou como segundo secretário da Embaixada do Brasil. Nesse período, freqüentou os bares parisienses na companhia de prestigiosos amigos como Di Cavalcanti, Gilberto Amado e Pablo Neruda, em noites dissolutas. Conta José Castello que Vinicius curtiu, na companhia de Rodolfo Sousa Dantas e outros, uma boemia tão desenfreada que, em algumas ocasiões, chegou a dormir bêbado nos jardins da cidade-luz.

Foi no ano de 1953, de passagem pelo Rio de Janeiro, que se encontrou com Antônio Carlos Jobim, no denominado Clube da Chave. Esse encontro-chave, que abriu novas portas para a música popular brasileira, foi suscitado por Lúcio Rangel, que aproximou os dois gênios, apresentando-os. Vinicius, que escrevia *Orfeu da Conceição*, convida o parceiro para compor as músicas da peça. Veio a famosa pergunta de Tom, que na época andava curto de grana: «tem um dinheirinho nisso?». A peça foi montada em 1956, no Municipal do Rio, com atores negros e o cenário de Niemeyer. Dois anos depois veio a lume a versão cinematográfica, dirigida por Marcel Camus, de que VM não gostou, apesar de haver sido premiado com a Palma de Ouro do Festival de Cannes e o Oscar de melhor filme estrangeiro, em Hollywood. Na sua exibição, em pleno Palácio das Laranjeiras, com a presença do Presidente JK, o poeta saiu antes do fim do filme. O roteiro que ele preparou havia sido alterado pelo cinegrafista e pelo diretor, e o resultado não foi dos melhores. Entusiasmou-se, porém, com a vitória em Cannes, «que serviu de exemplo aos capitalistas brasileiros que não quiseram investir no filme».

Por outro lado, ficou satisfeito com a obra musical. As canções de parceria com Tom Jobim fizeram sucesso no Brasil e ganharam projeção internacional, sendo interpretadas por Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan e Frank Sinatra. Aquele *Orfeu da Conceição*, que unia, numa história de amor, o mito grego à cultura do morro carioca, perpetuou imortais canções como *Se todos fossem iguais a você*, *A Felicidade* e *Lamento no morro*. E a parceria com Tom Jobim se consagrará na voz de incontáveis intérpretes, a começar por Elizete Cardoso, que gravará, em 1958, o disco *Canção do amor demais*, precursor da Bossa Nova, com jóias como *Chega de Saudade* e *Eu não existo sem você*. É certamente uma página admirável da história da música brasileira essa amizade entre os dois artistas que nos legaram tanta beleza em forma de canção. Tom confessa que, no primeiro encontro, sentiu timidez diante do poeta consagrado que andava na companhia de grandes escritores. Mas logo foi conhecendo aquele amigo cativante e informal, que se afinava perfeitamente com o seu temperamento simples e despojado. Da afinidade entre os dois, testemunha Vinicius: «ponha-se Antônio Carlos Jobim ao piano e, em breve, de dois ou três acordes nascerá entre nós um olhar de entendimento, e de seus comentários cifrados eu terei sabido extrair exatamente o que ele me quer dizer em minha letra».

Com sua versatilidade, enquanto legava à cultura brasileira a sua contribuição como dramaturgo, não cessava de escrever poemas e canções. Em 1955 Vinicius escreveu as canções de

câmara, musicadas pelo maestro Cláudio Santoro. Entre elas, agrada-me sobretudo «Jardim Noturno», pela riqueza metafórica: «Se meu amor distante,/eu sou como um jardim noturno./O meu silêncio é o seu perfume a se exalar em vão/dentro da noite/ó volta, minha amada./A morte ronda em teu jardim, as rosas tremem/ e a lua nem parece mais lembrar de mim». O poeta investia em todas as frentes, com especial ênfase na música popular. O governo de Juscelino Kubitscheck, a partir de 1956, constituirá um ambiente social propício à propagação do novo estilo musical brasileiro. JK solicitou, em 1958, a Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, a composição de uma sinfonia sobre Brasília. Assim foi criada a «Sinfonia da Alvorada», que em cinco atos descreve a saga da construção da nova capital.

Se por um lado a vida artística caminhava a favor do vento, no campo sentimental acontece-lhe um baque desconcertante. O casamento com Lila Bôscoli atravessou momentos difíceis que se tornaram insuperáveis. O poeta «aprontou feio» de novo. Saía na noite só, para encontrar os amigos boêmios. Não queria levar com ele a sua musa. As escapadelas e as brigas estragaram aquele relacionamento de amor «muito e amiúde». Em 1957, Vinicius volta a Paris, já separado de Lila Bôscoli. As duas filhas do casal, Georgiana e Luciana, tiveram de ser criadas pelas tias. Um encontro fortuito com Maria Lúcia Proença, a Lucinha, sobrinha de Octávio de Faria, com quem ele há tempos paquerava, acendeu a forte atração que havia entre ambos. Eles saíram para jantar em Paris, numa Sexta-Feira Santa, que para o poeta, foi uma sexta-feira da paixão. Mas não foi ainda aquele o momento definitivo. Maria Lúcia era ainda uma mulher casada. No ano seguinte, um acontecimento os reaproximou. Sofreu ele um acidente de automóvel, em que saiu ferido com um profundo corte na testa. Hospitalizado em Petrópolis, pediu que avisassem Lucinha do ocorrido. Aquela moça culta, inteligente e rica, ia visitá-lo todos os dias. Resultado: a paixão pegou pra valer. Diante do chame e da lábia sedutores do poeta, Maria Lúcia Proença desquitou-se do marido. Nem bem se recuperou e já Vinicius estava a caminho de Montevideu, acompanhado da sua quarta mulher. Ela precisava visitar o filho no Rio, cada três meses. Nas ausências da amada, saudoso, o poeta escreveu alguns poemas do livro *Para viver um grande amor*, as lindíssimas canções *Eu não existo sem você* e *Eu sei que vou te amar* e os magníficos sonetos «*de Montevideu*» e «*do amor como um rio*». Também o gracioso «Retrato de Maria Lúcia» que começa com «teu rosto voltado para o oriente/remoto como o nunca /eterno como o sempre».

No *Soneto de Montevideu*, escrito em 1959, o poeta confessa que chora de saudade e pede à amada que, não obstante uma vida comum, interceptada de adeuses, não o esqueça nem se ausente. O poema inicia com uma frase que tem ressonância em Álvares de Azevedo, um dos grandes do romantismo, que num soneto escreveu: «não te rias de mim, meu anjo lindo». Vinicius de Moraes, com o mesmo teor lírico, diz: não te rias de mim, que as minhas lágrimas / são água para as flores que plantaste no meu ser infeliz». Reconhece, dessa maneira, que as lágrimas significam uma forma de gratidão. Da convivência com a musa nasceram-lhe flores no jardim da alma. E isso prova que o afeto prossegue e cresce com o tempo: «e isso lhe baste para querer-te mais e mais». A amada plantou flores de consolação que lhe alegam o desventurado ser. Suavizou-lhe a inquietude: «desvendaste a calma ao meu olhar ermo de paz». Faz o poeta o seu apelo a que ela não se ausente, pois que o tempo e a distância são inimigos do sentimento apaixonado: «quando se gaste em ti esse carinho em que te esvais».

Entre mansos adeuses, o amante se consola com a expectativa de rever, periodicamente, o rosto desejado. Pede-lhe, portanto: «não me ocultes jamais teu rosto». Sua imagem, da qual se fez amante dulcíssimo, representa o anjo da guarda, do qual recebe benevolência e defesa contra o mal do desamor. Esse anjo, com o seu poder, transforma distância em proximidade: «não dás tempo a que a distância cisme». Aqui se verifica a idéia prodigiosa, o milagre que o amor produz no coração sincero. A presença da amada em seu pensamento torna possível senti-la próxima de si. Com sua ubiqüidade, o anjo impede que a distância cisme. A certeza de que o poeta é correspondido em seu amor, de algum modo, anula o efeito destabilizador da distância sobre o sentimento amoroso. O amor cresce «mais e mais», apesar das circunstâncias alheias à vontade dos amantes.

O poeta permaneceu no Uruguai, a serviço do Consulado do Brasil, até 1960, quando solicitou aos chefes do Itamaraty o seu regresso ao Brasil, alegando que «não se trata de um problema material, de dinheiro ou de status profissional, que tudo isso é recuperável. É algo muito mais sério. É um problema de amor. E o tempo do amor é irrecuperável».

Já no Rio, seu reduto de lirismo, no ano de 1962, ele compôs com Tom Jobim, na mesa de um bar, numa rua hoje denominada Vinicius de Moraes, a *Garota de Ipanema*, inspirado numa moça chamada Heloísa Eneida, que se tornará quase tão famosa quanto a própria música. A essa altura o poeta se consagrava, através das suas letras, como porta-voz de um humanismo popular todo seu, que ele chamará depois de

«socialismo brasileiro com balanço», que resultou numa gradual mudança na mentalidade e no comportamento de muitas pessoas. Pregando o amor acima dos valores materiais da sociedade de consumo, colocando-se em sintonia com vanguardas libertárias que protestavam contra as ditaduras, fará diversas apresentações musicais nos meios estudantis, com Carlos Lyra, em shows no circuito universitário. A parceria começou quando Carlos Lyra ligou para Vinicius, pedindo umas «letrinhas». O poeta disse: «vem já pra minha casa». Deixou diversas músicas gravadas e Vinicius escreveu as letras em uma semana. Assim surgiram lindas canções como «Sabe você», «Você e eu», «Coisa mais linda», «Primavera», «Broto Maroto», «Marcha da Quarta-Feira de Cinzas».

Foi numa boate, em Copacabana, que o poeta convidou Baden Powell a «tomar um gole» e fez-lhe a tentadora proposta: «que tal a gente fazer uma parceriazinha?». Para impressioná-lo ainda mais, falou-lhe da letra que fez para a *Cantata 147* de Bach. No tempo em que Vinicius morou com Maria Lúcia Proença, esteve Baden Powell três meses hospedado no apartamento do casal, no Parque Guinle. Ali surgiram as primeiras composições de um repertório de cerca de 70 canções. Graças a essa dedicação deles, podemos desfrutar de «Deixa», «O astronauta», «Samba em prelúdio», «Labareda» e todos os afro-sambas, «Berimbau», «Canto de Ossanha», «Samba da Benção» etc. A amizade com as cantoras do Quarteto em Cy foi outra de suas peripécias: ao ouvir as baianinhas, foi logo dizendo, da maneira espirituosa que lhe era peculiar: «vocês são minhas. Me pertencem. Preciso por vocês numa gaiola de que só eu tenha a chave. Digam não a qualquer proposta que lhes fizerem para cantar». De tantas andanças musicais que fez com as meninas do Cy, julgava-se digno de ser chamado de «Cynicius».

Outros parceiros foram também conquistados, por assim dizer, pela irresistível simpatia do poetinha (também pelo prestígio de que ele desfrutava no meio musical). A amizade com Edu Lobo, com quem fez canções imortais como «Arrastão» e «Canção do amanhecer», foi herança de seu pai, o compositor Fernando Lobo, de quem VM era grande amigo. Ao jovem parceiro aconselhou não seguir a carreira diplomática e ser o mais espontâneo possível na vida e na criação musical. Ao referir-se ao talento de Vinicius, disse Edu Lobo que quem chegasse com alguma melodia inédita, à procura de letra, ganhava logo uma assinada por ele. E citou palavras textuais do poetinha: «Eu tendo para uma universalidade cada vez maior, e meu sentido é me comunicar. Se amanhã me

aparecer um crioulo do morro querendo que eu ponha uma letrinha no samba e ele for bom, eu boto».

Francis Hime, ao lembrar o tempo em que conheceu Vinicius, nos anos 60, numa festa noturna no Rio de Janeiro, recordou que, alta madrugada, o poeta dormia uns 20 minutos e voltava novinho. Numa dessas noites ele lhe trouxe a letra de «Sem mais adeus», escrita num guardanapo de papel. Vieram depois outras criações imortais como «Saudade de amar», «Maria», «Anoiteceu» e «A dor a mais». Diz que VM foi essencial em sua vida: «não fosse ele, eu teria sido um engenheiro. Foi fundamental tê-lo conhecido e me tornado parceiro dele, afirmando-me pelos caminhos da música. Sempre me encheu de entusiasmo, estimulando-me com amor e generosidade».

No ano de 1962, meus amigos, o inconstante romântico se separa de Maria Lúcia Proença. Como em outras ocasiões, o tédio se abateu sobre o poeta. Ele sentia de repente a angústia de não haver encontrado a paixão eterna. A letra de «Apelo» foi escrita nos momentos de crise do que foi o seu quarto casamento. Em depoimento dado a João Carlos Pecci, publicado em 1994, no livro *Vinicius sem ponto final*, disse Lucinha Proença o seguinte, a propósito do nosso admirado poeta: «um homem de uma profunda doçura interior, tão rico intimamente e com tanto para dar, que dispunha de uma enorme capacidade de perdoar, de entender as pessoas e sofrer muito. Talvez por isso de vez em quando ele saía, bebia, sumia da superfície da terra, mas sempre levando com ele a responsabilidade». E disse mais adiante: «ele era bem esquisito numa coisa; não gostava que o acompanhasse quando saía para a noite. As mulheres dos outros podiam ir, mas eu não». Como demonstração de apreço, ela mostrou ao autor do citado livro a casa do jeito que era quando Vinicius ali morava. Guardava tudo quanto pertencera ao poeta, os óculos de grossas lentes e até o manuscrito de um poema datado de 1958.

Em 1963, aos 50 anos de idade, Vinicius gravou o disco em que canta, com Odete Lara, algumas das mais encantadoras canções da parceria com Baden Powell. Depois disso, removido pelo Itamaraty para a Delegação do Brasil junto à Unesco, partiu o poeta com destino a Paris, acompanhado de Nelita de Abreu Rocha, uma moça de 20 anos, que rompeu o noivado para fugir com aquele homem romântico. Foi um lance cheio de perigos, pois houve até ameaças de morte naquele contexto aventureiro. Nelita fugiu com Vinicius para Paris sem dar conhecimento aos pais. Só depois de alguns dias é que a família dela soube. Foi uma espécie de rapto, instigado por Carlos Lyra, com pena do poeta deprimido, dizendo que queria desencarnar. Coube a Tom Jobim a tarefa de levar

clandestinamente o casal ao aeroporto. Trata-se da sua quinta mulher (vamos contando, amigos). E da terceira que, hipnotizada por seu carisma, deixa outro homem pra ficar com ele. Antes dela, Tati havia dispensado um noivo pra casar-se com o poeta e Lucinha Proença tinha se separado do marido, fascinada pelas palavras persuasivas, os carinhos e os belos olhos verdes daquele conquistador. Para Nelita escreveu, entre outras magnitudes, as letras de *Minha namorada*, *Ela é carioca* e o poema *A brusca poesia da mulher amada*. À luz dessa nova paixão, inspirou-se para escrever algumas das crônicas do livro *Para uma menina com uma flor*, previamente publicadas no jornal «Última Hora». Em Paris, como de hábito, Vinicius bebe compulsivamente e perambula pelos bares, com artistas boêmios, o que causará problemas no relacionamento do casal. Segundo Nelita, o ritual diário do poeta consistia em embriagar-se até chorar copiosamente.

No poema *A brusca poesia da mulher amada*, Vinicius de Moraes revela, de forma explícita, sua devoção mística à figura onipresente da mulher. «A mulher amada carrega o cetro, o seu fastígio/é máximo». Sendo ela uma rainha, é justo que disponha de um cetro e sinta fastígio. «a mulher amada é aquela que aponta para a noite / e de cujo seio surge a aurora». Sendo ela dotada de poder sobrenatural, é pertinente que faça surgir do próprio seio a aurora, que é o símbolo da nova vida. Pelo próprio dom da maternidade, a mulher significa, nesse verso, a natureza-mãe. Desse modo, ela exerce o seu domínio cósmico – «traça a curva do horizonte, dá linha ao movimento dos astros». É a regente do coração – sobrevém, infalivelmente, nos momentos de solidão, no decorrer do tempo e para além do tempo. Persiste no subconsciente do poeta (tempo submerso, navio submerso, montanha imersa em líquen). Ela adquire, assim, propriedades incomensuráveis - é o mar, é a luz que acende o mundo para iluminar, com seu encanto, a cegueira dos homens. Obsessivamente reiterativa na mente do poeta, em sua abrangência mágica - «semeia o vento», «colhe o tempo todo», «determina os meridianos». É caracterizada como fenômenos naturais: «talvegue, estrela, petardo». O poeta confia a sua missão de cultor da mulher amada: «e de outro não seja» (exige a exclusividade do seu culto amoroso). Aos seus devotos olhos, ela se lhe afigura como «coluna, gral, fé, símbolo, implícita na criação» - elementos essenciais ao rito de adoração fêmea, religião extremada do poetinha. Ela predomina em todos os passos do ritual – canto, oferenda, gozo, privilégio, taça erguida e sangue do poeta correndo pelas ruas, iluminando as perplexidades. Um ritual de sacrifício em que ele, profano e místico, oferece o próprio sangue à adoração da deusa-mulher. Conclui o

bardo, confirmando o caráter absoluto da deidade feminina: «princípio e fim, poder geral, completo, absoluto».

Sonhava o poeta com a visão transcendental da musa, quando, em 1964, instaurava-se no Brasil o regime militar. Ele volta à Pátria para dedicar-se inteiramente à música popular. Assume a condição de intérprete de suas próprias canções, inicialmente ao lado de Dorival Caymmi, em boates do Rio de Janeiro. A estréia, no Zum-Zum, contou com a participação do Quarteto em Cy e do Conjunto de Oscar Castro Neves. O ano de 1966 pode ser lembrado como aquele em que Vinicius gravou, com absoluta liberdade criadora, os afro-sambas, um disco espontâneo, improvisado, com Beth Faria e Nelita no coro. Em 1967, é posto, a seu pedido, a serviço do governo de Minas para organizar o Festival de Arte de Ouro Preto. Nessa altura, já está no auge da fama.

Apesar da intransigência e das perseguições da ditadura, aqueles anos foram promissores para a música popular brasileira, que recebeu dele e de seus grandes parceiros o aporte de talento monumental que eles nos legaram. Mas não esqueçamos que ele compôs sozinho, letra e música, algumas de suas melhores canções, entre as quais «Pela luz dos olhos teus», «Medo de amar», Serenata do adeus», «Ai quem me dera», «Valsa de Eurídice», «Tomara», «Samba de Gesse» e outras.

Ficou registrada na história das relações culturais entre o Brasil e Portugal a estada de Vinicius no país de Camões, no ano de 1968, quando recitou «Pátria Minha» e Baden Powell tocou o Hino Nacional, em protesto, no dia em que se anunciou a publicação do abominável Ato Institucional nº 5. No Porto, ao recitar o seu «Poética II», quando disse «meu tempo é quando», os estudantes estenderam-lhe as capas para que ele caminhasse sobre elas. Em Coimbra cometeu uma gafe: saudou a «mocidade portuguesa» sem saber que era esse o nome que davam a um grupo de salazaristas. Não importa. A sua intenção foi a melhor possível, pois só queria agradecer a receptividade que teve dos estudantes universitários. Depois gravou, na casa de Amália Rodrigues, um extraordinário disco com importantes poetas portugueses. E no final de tudo ainda mandou o povo português se desengavatar e romper tradições, cadeias e preconceitos.

Quanto ao trabalho diplomático, declarou o seguinte: «no início achei que tinha de me submeter aos moldes. Depois, já não agüentava mais aquilo. Então essa bendita revolução me salvou... Eles me cassaram. Em 1964 eu fazia um show com Caymmi. Acharam que um diplomata não podia trabalhar em boate». Mas foi em 1968 que o aposentaram compulsoriamente da carreira diplomática. O poeta queixava-se sempre de haver sido escorraçado

pela ditadura com termos pejorativos como «ponha-se esse vagabundo para trabalhar». Os amigos testemunham que a diplomacia não era o forte de Vinicius. Paulo Mendes Campos disse, numa das inúmeras crônicas que escreveu a respeito do poetinha: «um dramalhão era colocar o cônsul no caminho que conduz ao Itamaraty: não houve ninguém que ficasse acordado com tanta facilidade durante a noite e que sentisse uma repulsa tão cataléptica pelo dia». Disse o poeta, em entrevista a *O Estado de S.Paulo*: «estava lá a contragosto, mas eram vinte e quatro anos de carreira». Em compensação, «pude começar a fazer o que queria: viajar, fazer temporadas, cantar, participar de shows, tirar a gravata. E ganhando muito mais do que ganhava». Ele justificou sua aversão ao protocolo e à formalidade: «detesto tudo que oprime o homem, inclusive a gravata». Mas se considerava um bom funcionário: «batia aqueles ofícios, aquelas minutas e não achava o trabalho aborrecido». Contam os seus biógrafos que, no começo da carreira, Vinicius chegou a ser repreendido por um de seus superiores, por ter ido trabalhar no Itamaraty com blusão e calça esportiva. Mas sabemos que na carreira ele desfrutou da amizade de colegas de bom caráter, como Rodolfo Sousa Dantas, Lauro Escorel, Paulo Carneiro e Roberto Assumpção.

O ano de 1968 foi penoso para o poeta. Além da separação de Nelita de Abreu Rocha que, como em ocasiões anteriores, causou-lhe profunda depressão ao ponto de pensar em suicidar-se, ocorreu também o falecimento de sua mãe, dona Lídia. Para superar tamanha crise, precisava de um novo amor. Assim, era natural que se apaixonasse outra vez. Agora pela jornalista Christina Gurjão, amiga de Ronaldo Bôscoli. Viria ela a ser a sua sexta mulher. Ela mesma conta que paquerava há quinze anos com o poeta, ouvindo-lhe as insistentes cantadas. Sempre que a encontrava, ele dizia, profeticamente: «um dia, menina, você vai casar comigo». Numa viagem de trem com ele, do Rio para São Paulo, para participar da inauguração da estátua de Garcia Lorca, ela não resistiu ao charme do poeta e foi à sua cabine. Era a consumação de uma nova paixão e novo casamento. Para ela escreveu, em forma de canção, o poema intitulado *Pela luz dos olhos teus*, que começa com palavras sedutoras: «Quando a luz dos olhos meus/ e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar,/ ai que bom que isso é meu Deus,/que frio eu me dá o encontro desse olhar». E termina com incisiva proposta de casamento: «Pela luz dos olhos teus/ eu acho, meu amor e só se pode achar/ que a luz dos olhos meus/ precisa se casar».

Christina Gurjão estava grávida de uma filha do poeta, que se chamará Maria, quando Vinicius apaixonou-se pela baiana

Gesse Gessy. Nessa época já havia iniciado a parceira com Toquinho, com quem passou a viajar a diversos países, a começar pela Itália, onde bebeu e cantou com o famoso Ungaretti e suas canções foram traduzidas por Sergio Bardotti e gravadas em italiano na voz de Ornella Vanoni e Sérgio Endrigo. Na década de 70, realizou concertos e recitais, sucessivamente, no Uruguai, no Chile e na Argentina, recebendo sempre calorosa acolhida do público destes países.

No ano de 1969 aconteceu a separação de Christina Gurjão. Foram momentos dramáticos. Ele a havia cativado, como sempre, com a fórmula mágica dos poemas. No processo de conquista, havia cantado, ao violão, a sedutora canção «Pela luz dos olhos teus», etc. Ela estava certa de que o casamento duraria, pois VM dizia que queria ter um filho com ela. Porém, sucederam as imponderáveis razões do coração. O poeta conhece a baiana Gesse Gessy numa boate no Rio e a convida para acompanhá-lo a Punta del Este, em temporada de shows com Maria Creuza e Dori Caymmi. Christina, ao saber do namoro de VM com Gesse, perguntou-lhe: «Que negócio é esse com essa baiana? É sério ou coisa passageira? Ele respondeu: é sério. Depois a consolou: «não fica assim, neguinha, a vida é assim mesmo». Então, ela não conteve a indignação e quebrou-lhe a cabeça com um castiçal. Lá se foi o poeta, todo ensangüentado, em busca do seu novo amor. Christina Gurjão reconhece que Vinicius, embora às vezes egoísta e vaidoso, era um homem sensível, educado e delicado e foi um bom pai para a filha Maria, pois que a levava para passear e, como havia feito sempre com os outros filhos, dava-lhe presentes.

Casou-se com Gesse no candomblé, coroado de flores brancas, no ao som de atabaques, e viveu tempos mágicos na Bahia, durante os cinco anos de deleites com a musa baiana. Quando se casou com Gesse, estava sem casa e passou uns dias no apartamento da filha Georgiana, que tinha então 17 anos e vivia com o ator Cláudio Marzo. Depois, foi morar em Salvador, onde pôde desfrutar de grande de liberdade sexual. Liberdade de procurar outras amadas, o que, para Gesse era aceitável. Segundo ela, isso fazia parte do «jeito dele amar a vida». Segundo José Castello, em *O Poeta da Paixão*, «Gesse Gessy estimulava o poeta a buscar parcerias eventuais e quebrar os dogmas do casamento» Castello acha que «talvez nenhuma outra mulher tenha estimulado tanto a criatividade do poeta, tenha instigado tão fundo seu desejo de se superar. Mas, certamente, nenhuma outra o dominou com tanta competência». Em Itapoan, Vinicius se converteu no mais baiano dos cariocas, na companhia de Caymmi, Carybé, Jorge Amado e Calazans Neto, com os quais conversava sobre o que a vida

tem de melhor e desfrutava de certo ócio propício à criatividade. Quando não estava ausente, em longas temporadas com Toquinho, Maria Creuza, Marília Medalha ou Maria Betânia, lotando teatros e ginásios em Buenos Aires, Paris, Roma ou Milão, recebia os amigos em sua banheira com vista para o mar, na bela casa de Itapoan. Sobre Gesse, disse ele haver encontrado «a mulher que procurava há muitos anos». Recordemos que ele fez para duas lindas canções, em parceria com Toquinho: «Morena Flor» e «Samba de Gesse». Na primeira, ele pergunta: «sem você o que ia ser de mim?» E se vangloria de que «a Bahia fez você todinha assim só pra mim». Na segunda demonstra a plenitude do seu afeto ao dizer: «até parece que só existe eu e você».

Nesse período gravou, entre outros, os discos «Como dizia o Poeta», em 1971, com Toquinho e Marília Medalha, o da trilha sonora da novela «O Bem Amado» e, em 1972, em Roma, *Per vivere un grande amore*. Nessa fase produtiva, compôs algumas das cento e vinte canções da parceria com Toquinho, a começar pelo grande sucesso de «Tarde em Itapoan», que nasceu de um poema previamente escrito por VM.

Com a separação, Vinicius se desfaz da mansão de Itapoã e vai morar na casa de sua irmã Lygia, que sempre o ajudou nas horas difíceis. Lygia, irmã fiel e amiga, o recebia em sua casa, desventurado, depois de cada separação. Era também, em muitas ocasiões, a sua representante perante as editoras e gravadoras. Porém, como em vezes anteriores, Vinicius não tardou no refúgio familiar da rua das Acácias.

Naqueles anos da década de 70, o poeta não cessou de viajar e apresentar-se na Argentina, no Uruguai e no Chile. Bebendo muito, perdia objetos, a chave, o violão... Sentia falta da irmã Lygia para organizar as suas coisas e chegava a passar 11 horas seguidas na banheira.

Em 1975, numa das peregrinações musicais à Argentina, sentou-se ao seu lado, no restaurante do Cassino San Rafael, uma jovem poeta de estudante de Direito, de 25 anos, chamada Marta Rodriguez. Ele começou a deslizar delicadamente a mão pelo seu braço. Ela o entrevistou em Buenos Aires e ficou impressionada com as respostas desconcertantes que ouviu. Aquela menina apaixonou-se pelo poeta de 64 anos, dotado de charme e inteligência que o tornavam atraente a qualquer mulher mais jovem. «As meninas se apaixonam por mim, vão ao meu camarim e me beijam», dizia ele, constatando o efeito irresistível do seu carisma. Logo começou a namorar Marta Rodriguez. Viajou algumas vezes a Buenos Aires para encontrá-la. Ela conseguiu autorização dos pais para viajar com ele e Toquinho para a Itália,

onde Vinicius gravará, em 1975, em Milão, o disco «*O Poeta e o Violão*». Viveram juntos algum tempo no Rio e depois em Punta del Este. A ela dedicou um dos seus melhores sonetos: «Teu rosto, amada minha, é tão perfeito/tem uma luz tão cálida e divina/que é lindo vê-lo quando se ilumina/como se um círio ardesse no teu peito./E é tão leve teu corpo de menina/assim de amplos quadris e busto estreito/que dir-se-ia uma jovem dançarina/de pele branca e fina, e olhar direito./Deverias chamar-te claridade/pelo modo espontâneo, franco e aberto/com que encheste de cor meu mundo escuro/ e sem olhar nem vida nem idade/me deste de colher em tempo certo/os frutos verdes deste amor maduro».

Numa das viagens Buenos Aires, teve a grata satisfação de escrever, em 1976, um livro sobre o Rio de Janeiro, em parceria com Ferreira Gullar. Mas viveu também circunstâncias adversas, como o triste episódio do desaparecimento do pianista do grupo de músicos que o acompanhava. Tenório Júnior saíra do hotel para comprar cigarros e nunca mais regressara. Eram os tempos da ditadura do general Videla. Descobriu-se depois que fora assassinado pela polícia ditatorial argentina.

O romance com Marta já entrava na dimensão do «infinito enquanto durou», pois a moça argentina nem sempre acompanhava o menestrel que saía pelo mundo, cantando a sua poesia, em busca de aventuras líricas. Ele começava a se sentir fragilizado. As internações na Clínica São Vicente já não o desintoxicavam como antes. Mas não cessava de beber, fumar, dormir de madrugada e cantar nos teatros de Buenos Aires, Roma, Paris, Londres. Numa dessas viagens, em Roma, em 1977, conheceu a que seria a sua nona mulher. Foi uma aproximação gradual, que se transformou em conjugal por insistência da jornalista Gilda Matoso, convicta de que aquele poeta de fama internacional, homem gentil, delicado, seria um bom marido. Ela o procurou, pela primeira vez, nos camarins do Teatro Sistina. Vinicius ainda não havia rompido o relacionamento com Marta Rodríguez. Terminado o concerto em Roma, o poeta viaja para Paris. Gilda lhe telefona e fica sabendo que ele já havia colocado à sua disposição uma passagem aérea. Ela viaja a Paris. Em 1978 ela telefona outra vez para Vinicius, que está de novo em Paris. Encontram-se no show de que participa Tom Jobim. O poeta, com a saúde precária, se auto-aplicava insulina. Gilda o ajuda a entrar em cena no cenário escuro. Ele diz a ela: «estou me apaixonando por você». Mas adverte que talvez não velha a pena, porque está «velho, bebendo muito e meio doente». Quando ele vai se apresentar em Londres, ela fica no quarto dele. Em seguida, vão a Florença, e depois, a Nova York. Já estava o poeta casado pela nona vez.

Com chuva de arroz e o presente de um Fiat zero-quilômetro ele a recebe na casa da Gávea. O seu estado de saúde se agrava. Gilda teve que cuidar do poeta em momentos difíceis e teve que agir, não só como esposa, mas como enfermeira, em algumas situações. Era então Vinicius um homem debilitado, que insistia em beber quando a diabetes o acometia violentamente. As crises hepáticas o levavam à Clínica São Vicente, mas ele não parava de beber. Ele que fora um atleta na juventude, recusava-se a fazer qualquer tipo de exercício físico, desde o tempo em que, nos anos 60, jurou a Antônio Maria «não mais fazer nenhum esforço inútil».

Para Gilda Matoso fez um poema de rara beleza, que foi uma espécie de despedida da vida e da poesia: «nos abismos do infinito/uma estrela apareceu/ e da terra ouviu-se um grito/ Gilda, Gilda./Era eu maravilhado ante a sua aparição/que aos poucos fui levado nos véus do bailado pela imensidão/ aos caprichos do seu rastro/como um pobre astro morto de paixão./ E depois, nós dois unidos/como Eurídice e Orfeu/ fomos sendo conduzidos, Gilda e eu/pelas mágicas esferas/que se perdem pelo céu/ em demanda de outras eras/velhas primaveras que o tempo esqueceu,/pelo espaço que nos leva/pelas mãos da treva/para as mãos de Deus».

Recordemos agora, poetas, a fidelidade incondicional que o nosso ídolo dedicou à arte poética. A sua inquietação existencial era um sintoma de obstinação pela poesia. As sucessivas paixões lhe davam inspiração para atender à necessidade de criar novos poemas e canções. No *Roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro* o poeta confessa que encontrou a sua poesia em Copacabana, «para justificar uma existência que sem ela seria incompreensível». A cidade, a mulher e o sentimento se conjugam na prosopopéia do Rio, à luz das vicissitudes de um poeta consagrado ao ofício lúdico. Entidades inseparáveis na sua trajetória existencial, poesia e vida se confundem: «a poesia é tão vital para mim que ela chega a ser o retrato da minha vida». Mas dizer vida, para Vinicius, é dizer comunhão, participação, comunicação com o outro, na partilha do prazer estético. Viver, para ele, era saber sorrir para a vida, apaixonar-se e não ter medo de gostar de gente. Vinicius praticou o humanismo utópico de um mundo em que os homens se reconheçam como irmãos e se sintam verdadeiramente amigos. Tratava todos com imensa generosidade. Afetuoso, chamava os amigos pelos nomes no diminutivo, como demonstração de apreço. Dotado do dom de encantar as pessoas, Vinicius de Moraes foi o poeta da fraternidade.

Consciente de que «a maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo», fez da arte de louvar uma das suas virtudes. Teve por lema «nunca dizer não a ninguém», como ele

confessa em *Para uma menina com uma flor*. Telefonava para os amigos somente pelo prazer de bater um papo sobre qualquer assunto. Como testemunhou Sérgio Cabral, fazia questão de pagar toda a despesa. Não deixava que os amigos pagassem nada. Ajudava-os financeiramente, nos momentos em que atravessavam dificuldades econômicas. Certa ocasião, inventou que havia arranjado um emprego fantasma no MEC para o jornalista e crítico de música Lúcio Rangel, que estava desempregado, a fim de dar-lhe mensalmente algum dinheiro. Fernando Lobo confirma: «ele entregava aos seus amores, às suas mulheres, até aos seus amigos parte daquilo que era dele. Dividia com tanta generosidade que a gente chegava a acreditar que Vinicius não era desse planeta». A Ciro Monteiro doou trezentos contos para que pagasse as prestações atrasadas do apartamento. Disse, ao entregar-lhe o numerário: «são seus, não precisa me devolver». O sambista chorava sempre ao recordar o episódio. Deste grande amigo, que cantava batucando numa caixa de fósforos, o poeta disse: «ele tem o dom da amizade e querer bem a ele é um teste de caráter. Ele é um grande abraço em toda a humanidade». Recordemos que Ciro Monteiro gravou, em 1963, *Deixa, O astronauta e Formosa*, entre outras belíssimas composições de Vinicius e Baden Powell.

Com admiração sincera, VM dedicou a Octávio de Faria, o romancista e ex-colega da Faculdade, um soneto de imagens marinhas – «o mar fulgurante», «os negros abismos do luar». No sítio da família de Octávio, em Itatiaia, escreveu algumas das mais belas páginas da sua obra poética. Para outro amigo, que foi seu mestre na poesia do cotidiano, escreveu um hino à amizade, denominado *Saudade de Manuel Bandeira*. Nesse poema, Vinicius declara que o poeta pernambucano foi para ele um instrutor, pois significou mais que «um segredo de poesia e de emoção». Numa crônica recorda peripécias da amizade com Bandeira, visitas que lhe fez no famoso apartamento do Beco, o dia em que tomaram um «malted milk», as canções entoadas ao violão e o dia em que ouviu, inédito, o poema «Estrela da Manhã». «Foste uma estrela em meu degredo». Isto significa que foi acolhido com o afeto que dignifica os homens – a estima que os aproxima e os identifica no objetivo de viver, desfrutar a beleza e deixar registrado o seu ideal estético. Exclama, numa atitude de reconhecimento: «Poeta, pai, áspero irmão», vocábulos que ressoam com a força de uma generosa inquietude humana. Um poeta é um ser iluminado. Um pai é um representante de Deus. Um irmão, áspero – um mestre rigoroso. Numa expressão de gratidão, cheio de humildade e carinho, diz Vinicius: «Não me abraçaste só no peito/puseste a mão na minha mão/ Eu pequenino/- tu, eleito./ Poeta, pai, áspero irmão». O seu

mestre, eleito, tem qualidades admiráveis – «lúcido, alto e ascético amigo,/ de triste e claro coração». Indaga àquele menestrel da solidão, recolhido às cogitações do seu estro: «que sonhas tanto a sós contigo?. Bandeira responderá em versos: «com que sonho? Não sei bem não./ Talvez com me bastar, feliz/ - Ah feliz como jamais fui! – arrancado pela raiz -/este anseio infinito e vão/ de possuir o que me possui». No poema *Lapa de Bandeira*, escrito em 1952, Vinicius vislumbra o apartamento do amigo como uma luz discreta no cimo da escarpa. Aquele recanto do poeta foi para Vinicius «o farol da poesia/brilhando serenamente»

Poetas, digam-me agora se não é belíssimo o *Poema de Natal*, em que Vinicius de Moraes extravasa, num discurso de absoluta objetividade, comoventes versos de conteúdo existencial? Afirma o poeta que seremos sempre seres sentimentais. O verdadeiro homem, pessoa sensível às vicissitudes da vida, sabe que fomos feitos «para lembrar e ser lembrados,/para chorar e fazer chorar”, para enterrar os nossos mortos», etc. Com as mãos recolher a dádiva e com os dedos cavar a terra do destino. Entre a luz da tarde e a estrela do mundo, caminhar e «entre dois túmulos» (a morte como referencial); «falar baixo, pisar leve, ver a noite dormir em silêncio». Viver perplexo, meditativo, diante do mistério. Uma canção sobre um berço é a glória da encarnação. Um verso, talvez, de amor é a esperança. «Uma prece por quem se vai» – o respeito e o afeto pelo ser humano – a saudade como virtude teologal da religião da afetividade. Essa prece, que se exprime nos “corações graves e simples” dos homens de boa vontade, suscita a «esperança no milagre». Pela natural inclinação humana à espiritualidade, quanto mais compreensivo o espírito, maior a sua crença na utopia da plenitude da vida. Existir é um milagre e a esperança nele consiste em imaginar que existe a eternidade. E o mais nobre dos gestos humanos é a «participação da poesia», isto é, a vida em comunhão, a partilha dos frutos da fraternidade e da sensibilidade estética. Também diz Vinicius que viemos ao mundo “para ver a face da morte”, até o dia em que «nunca mais esperaremos...». Sugere desse modo aquele pressuposto espiritual de que um dia veremos a verdade face a face, sentiremos o tempo sem tempo e seremos um com a perpetuidade. Por enquanto, diz ele no seu sonho lírico – «a noite é jovem”, «da morte apenas nascemos imensamente». Nascer da morte é cumprir o ciclo da vida e compreender a sucessão de nascimento-morte-renascimento que é a fé dos que cremos na eterna renovação da vida. Nascer imensamente equivale a renascer infinitamente.

Em *O Dia da Criação* o poeta medita sobre o cotidiano à luz da tese bíblica da origem do homem. Ao enumerar uma série de

visões e conceitos sobre as atitudes humanas, pensa no que seria se não existíssemos e questiona a necessidade de sermos lógicos, de suar pelo pão e encarar o problema das colocações morais e estéticas. O sábado é um dia especial, de importância cósmica (a criação do homem como vista como um feito transcendental da natureza). Há, nos versos deste poema, uma preocupação com a condição existencial dos seres humanos. A enumeração das vicissitudes da vida é uma forma de questionamento e de compreensão do drama humano e uma manifestação solidária de fé na luta pela sobrevivência.

Vejam, estimados poetas, a dorida elegia que Vinicius escreveu ao tomar conhecimento da morte de Mário de Andrade. Nosso ídolo diz, em suas estrofes, que a triste notícia o hipnotizou, comoveu-o de forma obsessiva. Num transe de dolente emoção, descreve o sonho profético que teve da morte de Mário de Andrade. Em sua visionária sensibilidade, o rosto do amigo aparecia-lhe no espelho, a sua voz lhe falava ao telefone, a sua presença estava no café da manhã. Sentia fisicamente a sua manopla no ombro. Ouvia o eco da sua palavra “que ma-ra-vilha é viver”. Ao andar na rua, trabalhar ou alimentar-se, a recordação dele o assediava incessantemente. Que maior prova de estima que esse lamento de quem, ao sentir a ausência do amigo, sente que perde um bem precioso? Que mais digno sentimento que o de sofrer na carne o enterro da carne do outro? Conclui o poema com a afirmação de que, conquanto morto de “angina pectoris”, Mário de Andrade permanecerá vivo na imortalidade.

Nos poemas dedicados aos amigos brilha a chama do seu ideal fraterno. Leio a carta-poema, intitulada *Mensagem a Rubem Braga* e vejo como ele consola o amigo, que se encontrava na Itália, como correspondente de guerra. Fala-lhe de esperança, diz que “ainda há auroras apesar de tudo” e é verão no Rio de Janeiro e faz votos de que o cronista maior - “terno em seus olhos de pescador de fundo, feroz em seu focinho de lobo solitário» - não tarde a regressar à cidade das maravilhas. Para deixá-lo mais ansioso (a intimidade entre os dois permitia essas liberalidades), faz alusões aos prazeres da vida no Brasil, diz que comeu camarões e vatapá nos restaurantes preferidos e que «está no tempo de caju e abacaxi e nas ruas já se perfumam os jasmíneos». Entre outras lembranças, fala de si mesmo: «tenho tido meus maus momentos, mas reajo». Rubem Braga escreverá uma crônica em que recordará o amigo já integrado ao mundo dos ausentes: «escrevo aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: a primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira primavera de 1913 para cá, sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua».

A Elegia na Morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, Poeta e Cidadão é o canto de amor filial que Vinicius escreveu em Los Angeles, ao tomar conhecimento da morte do pai. As lembranças de momentos em que seu pai mostrou talento e bondade são evocadas em expressivas imagens: os doces espinhos da barba, a expressão indizível de fidelidade e paciência, a doçura dos sulcos do rosto, os dedos cortados pelo barbante ao conduzir alimentos e utensílios. Sua mansuetude: «jamais uma palavra dura, um rosar paterno». Clodoaldo era poeta, tocava violão e contemplava o mar, virtudes que o filho herdou, com o dom da poesia. Ao reconhecer-se herdeiro de «um mundo em paz», promete legar essa dádiva a seu filho, que dá prosseguimento à vida dos dois.

Os grandes bardos franceses, em cuja fonte Vinicius bebeu alta inspiração, também são alvo de generoso preito de louvor. Verlaine é o “grande irmão do sangue do meu coração/ que te despreza e te compreende”. Despreza-o e o compreende pela iluminação maldita da sua poesia. E o admira, porque sabe que a própria vida tem a sua putrefação, a própria vida induz o ser humano à loucura e à sordidez. Mas um poeta é sempre digno de um gesto sublime. Vinicius o homenageia com a expressão da sua afetividade, simbolizada na rosa que se desprende humildemente do seu coração para ornamentar-lhe o túmulo. Noutro texto, a crônica intitulada «A um jovem poeta», ele se refere a «Verlaine, o pobre Verlaine, talvez dentre os poetas o que mais amou e sofreu». No *Bilhete a Baudelaire*, regozija-se, para distrair o *spleen*, de folhear-lhe os poemas. Ao se deparar com sua sordidez preclara, exclama, com intimidade cúmplice: «como mudou a poesia, como o teu rosto não mudou».

Que extraordinários versos podemos apreciar em *Morte de Madrugada*, em louvor de Federico Garcia Lorca, o poeta martirizado! Numa paisagem onírica, insólita, Vinicius descreve-lhe a morte em indeléveis imagens. A terra era uma «argila cor de sangue/e seu ar desesperado». A marcha trágica «sob uma nuvem de pó», a madrugada sangrenta, a lágrima no céu em forma de estrela, os gatos chorando, os soldados armados de fuzis e impiedade, o poeta como um cordeiro de Deus, «cabelos soltos/ao vento/ camisa desabotoada», caminhando no desespero. Denomina-o «poeta meu muito amado». Assim o evoca, chama-o no delírio, e ele não ouve, «colado ao muro», «entre dois canos de arma». Que espantosa conscientização na hora do sacrifício! Vinicius imagina Federico corajoso na morte: «a morte é sempre desagradável, mas antes morrer ciente/ do que viver enganado».

Vinicius veste a camisa do pacifismo para protestar contra a guerra em *Rosa de Hiroxima*. Nesse poema sintético, de fortes imagens, denuncia a cruel visão da bomba atômica, exterminando a vida em duas cidades japonesas, e a perplexidade inconsolável do homem indefeso, vítima da ignorância do próprio semelhante. O poeta solidário com o sofrimento humano, num gesto gentil, preocupa-se com as crianças cegas, cheias de feridas como rosas cálidas.

Em sua filosofia de comunhão fraterna, o generoso Vina provou o seu humanismo, ao escrever «com as lágrimas do tempo» e oferecer a alma como um templo ou uma torre, arquitetura de carne - ampla e clara. Sua *Poética II* exemplifica o seu anseio de fraternidade: com o cimento da poesia, ergue em carne viva, isto é, no coração dos homens, um templo para celebrar a vida e acolher os irmãos de fé. Em *Água de beber*, que compôs com Tom Jobim, ele confirma a tese: «eu nunca fiz coisa tão certa,/entrei pra escola do perdão/a minha casa vive aberta./Abri todas as portas do coração». O perdão é valorizado como a força espiritual que viabiliza a reconciliação dos amantes. Esses versos exemplificam a percepção de que o perdão amoroso em VM é, como notou Affonso Romano, e em concordância com a já citada opinião de David Mourão, o lastro religioso que ficou em sua poesia, «quando ele se afastou das imagens clássicas que ainda mostravam sua fé católica».

Nosso Mestre na Poesia chama João Cabral de Mello Neto de «irmão totem aedo», em *Retrato à sua maneira*. Manifesta admiração por sua poesia elaborada com clareza, o texto «exato e provável/ no fuso do tempo». E arremata o poema com a metáfora-elogio «camarada diamante», com que demonstra o seu apreço. Ele não deixava de expressar grande estima pelo amigo, pela sensibilidade que os unia, não obstante a diferença na dicção poética de cada um.

Sabe-se da sua grande amizade com o compositor e jornalista Antônio Maria. Chamava-o afetivamente de «o meu Maria». Quanta vez não percorreu Copacabana com aquele boêmio, nos bares da vadiagem noturna! Como se divertiu em sua companhia, em aprazíveis diálogos! Com ele desfrutou, dono da noite, a arte de estar de bem com a vida. Apreciava sobremaneira a sua sensibilidade à flor da pele. A seu respeito escreveu, numa crônica, «esse gigante fraterno que já pôs o braço diante da minha queda e que tem casa, comida e roupa lavada no meu coração». Disse também, certa vez, ao recordar o donairoso Maria: «dos meus amigos, é ele o que eu tenho mais saudade». Antônio Maria, que conhecia Vinicius melhor que ninguém, escreveu, com graça e

argúcia, uma memorável crônica no *Diário Carioca*, às vésperas da sua partida para Paris, em 1953. Entre outros achados, diz ele: «Pode-se lhe contar o fato mais escabroso e se lhe fazer a confissão do maior crime, e dirá sempre que não tem a menor importância. Adora mulher, e convivendo mais de meia hora com qualquer uma, nenhuma terá coragem de lhe dizer NÃO, se o poeta pedir alguma coisa. Gosta da noite e prefere assisti-la de olhos abertos. Depois de dormir, porém, não há acontecimento, pessoa, fúria da natureza ou banda de música que o tire da cama. É capa de todas as fraquezas, de todos os erros, desde que seja mantida em forma de lealdade a grande e íntima solidariedade que dedica ao próximo. Quando está sério e assobiando (garante o Braga) alguma coisa deverá acontecer, daí a pouco, em relação ao estado civil, seu e dos outros. Não usa relógio e mesmo assim, haja o que houver, é incapaz de perguntar que horas são. Acredita nas virtudes humanas que tornam os homens iguais aos deuses».

De Pixinguinha disse ser a pessoa mais perfeita entre os mortais. Considerava-o «íntegro, puro e inocente». «Nenhum lord inglês o supera em finura e lordeza». Passava horas a fio conversando com o velho Pixinga, a quem ele se referia como «um santo de voz azul, cariciosa lembrando água fresca (água de côco na sombra ao meio-dia)». Bebia com ele desconhecidas poções de cachaça, sem que nenhum dos dois se embriagasse jamais. Interessava a Vinicius a conversa inteligente, bem humorada e as novas canções que surgiam a partir desses diálogos geniais, intituladas *Lamento*, *Mundo melhor*, *Samba fúnebre* e *Seule* (com a letra toda em francês).

Vinicius, o que tanto precisava da mulher e a cortejava canto, confessa que a companhia dos amigos lhe era imprescindível. Não gostava de ficar sozinho. Precisava estar cercado de gente. Por isso, tinha a casa cheia de pessoas com as quais pudesse conversar, beber e comer as feijoadas que ele mesmo preparava. Rindo de si mesmo, contou que tinha até gente que ia à sua casa, sem conhecê-lo direito, dizendo «eu vou à casa do Vinicius de Moraes porque ele distribui uísque de graça». Sobre o alegre hábito viniciano de bater papo, o artista plástico baiano Calazans Neto testemunha sobre os momentos sublimes de ócio e descompromissado hedonismo que compartilhou com VM em Itapoan.

Nem nos detenhamos longamente em *O Operário em Construção*, esse hino de solidariedade que reverencia o profissional que ergue o mundo com mãos de demiurgo mortal. Assinalemos apenas que o poeta mostra assim o seu engajamento nas causas da esquerda política e que o poema é, sobretudo, um canto solidário ao trabalhador. É um protesto contra a exploração

do homem pelo lobo do homem. Um hino à liberdade, esse bem inalienável que Vinicius defende como uma questão de sobrevivência. As quadras coloquiais dessa balada ressaltam o valor do trabalho, a importância da consciência de ser livre e a necessidade da luta do homem pelos seus direitos.

Quanto a nós, poetas, Vinicius nos define como seres que «doam tristeza e adeus/ de mãos que disseminam silêncio e dúvida/ de lábios que desdenham coisas imortais/para que outros tenham um beijo demais». O poeta é alguém que se sacrifica pelo bem alheio. A sua palavra contribui para que outros tenham o conforto do beijo. A humanidade precisa desse «necessário e eterno juramento» que provém do verbo imaginário. No sentido do sacrifício de essência cristã, diz ele, no poema dedicado a seu filho Pedro: «por isso que chorei tantas lágrimas para que ninguém tivesse mais que chorar». Eis aqui a idéia do amor ao próximo como a si mesmo. Essa preocupação com o bem do outro está presente em todas as suas cantigas de amigo.

Ao evocar o fabuloso Neruda, exclama, no Soneto a ele dedicado: «Quantos caminhos não fizemos juntos/Neruda, meu irmão, meu companheiro...» Celebra o encontro com o bardo chileno e o enaltece como cantor de altos vãos. Paulo Mendes Campos escreveu, com insuperável sentido de humor, sobre o encontro dos dois grandes sonhadores que também apreciavam as delícias da gastronomia, sobretudo o prato de camarões. Naquela ocasião, no ano de 1945, os dois poetas se despediram diversas vezes, tão íntima era a ligação afetiva entre ambos. Quando iam saindo, voltavam para um novo abraço. Era como se rejeitassem a circunstância de terem que morar longe um do outro.

Nessa vertente de render culto, em que Vinicius exuberava, com absoluta unção de afetividade homenageia Rafael Alberti. Diz que quer beber a lágrima que Espanha verte de saudade pelo poeta exilado. O poema termina com a imagem da vida a renascer da morte, evocando a esperança de restauração da liberdade na escravizada Espanha de então. Esses textos provam a preocupação viniciano com o bem-estar dos homens e com a paz e a fraternidade.

Em homenagem a outra grande figura humana, escreveu *A última viagem de Jayme Ovalle*. Não cansava de elogiar aquele amigo que considerava genial: «tudo o que saía dele era poesia. Era uma figura maravilhosa, um homem que dialogava com Deus» Disse a Fernando Sabino que Ovalle «é o mistério em toda sua inocência, em toda a sua beleza natural». De diversos outros amigos disse coisas afetuosas. A respeito de Sérgio Buarque de Hollanda afirmou: «é um cara que eu amo no Brasil e no mundo».

Ilustro ainda esta tese sobre a bondade fraterna do poeta transcrevendo, sem comentários, com uma carta escrita a Carlos Drummond de Andrade e publicada na *Correspondência de Vinicius de Moraes*, organizada por Ruy Castro (Editora Companhia as Letras). Esclareço que Drummond era, na época, alto funcionário do Ministério da Educação:

«Rio, 20 de julho de 1942

Carlos,

Venho lhe amolar novamente com aquele meu velho protegido, o dr. Raimundo Lemos (o que tem uma cara trágica e uma cabeça quase branca), que levei uma vez a você. Esse rapaz, coitado, velho amigo meu dos tempos de moleque de praia em Copacabana, está envelhecendo numa luta sórdida para se colocar «em algum lugar do Brasil». É incrível! Nunca vi ninguém tão desprotegido. Falta-lhe praticamente tudo – porque, além do mais, ele tem uma noivinha com quem quer casar, sem poder.

«Ele é médico sanitarista, se você se lembra. Já há algum tempo, passara de interno a efetivo, mas surgiu um negócio de concurso de títulos, entre os quais figurava um indispensável – o diploma do Curso de Saúde Pública do Instituto Oswaldo Cruz. Faltavam-lhe três meses para terminar esse concurso quando, por essa razão, foi exonerado.

«Falou-me em ser aproveitado como medico sanitarista interino novamente, agora no quadro permanente, numa das vagas deixadas com a promoção e alguns sanitaristas da letra y, a ser efetivada, segundo ele soube, no próximo mês. Disse-me também que confiava tremendamente na sua força junto ao Barros Barreto para um pedido desses. Não sei.

«Não me sinto com forças para negar-lhe nada. É claro que não queria causar a você nenhuma amolação com isso, mas, se não lhe for difícil, seria para mim uma grande alegria vê-lo encaminhado, porque é um lutador de fibra e está positivamente precisando de um descanso.

«Pedirei por meu lado ao Almir Castro que junte uma palavra ao Barros Barreto. Enfim, você desculpe a maçada, e este vício que eu tenho de lhe pedir favor. É uma espécie de irremediável confiança no seu espírito e no seu coração.

Seu,

Vinicius».

Um dos melhores depoimentos sobre o nosso poeta é, pela sinceridade do afeto, o de Tom Jobim. O maestro e ilustre parceiro refere-se a Vinicius como «um homem tão bom, tão humano, que cuidava dos seus parceiros e foi sempre um parceiro adorável, uma

pessoa muito humana que me ensinou muito da vida e que dizia: «não, Tomzinho, eu é que aprendo com você». Com que distinção e carinho o afetuoso amigo se referiu a ele, lembrando que ele era «múltiplo, como Sérgio Porto dizia, pois não era Vinício, era Vinicius». «E era ubíquo, vasto, porque parecia estar ao mesmo tempo em diversas cidades do mundo». Era, além de grande poeta, «um músico excelente, um tremendo ouvido, uma pessoa inesquecível».

Não menos amorosas e fraternas são as palavras de admiração de sua irmã Letícia Cruz de Moraes, publicadas no prefácio às obras completas de VM, da Nova Aguilar. Ela nos mostra aspectos interessantes da personalidade do irmão que tanto estimava. Fala das suas travessuras de menino. Do homem incapaz de ser indelicado. Que nunca teve medo de atirar-se «de peito nu de encontro ao perigo, ao desconhecido», pois tinha por lema não se recusar à vida. Transcrevo este fragmento do precioso texto de Letícia, que bem traduz algumas das características essenciais do nosso ídolo: «Nesse seu perambular pelo mundo, conheceu Vinicius o sucesso, a glória. Teve o amor, amores. Apesar de tudo, do sucesso, dos amores, diria eu que Vinicius deu mais de si do que recebeu, amou mais do que foi amado - como dele exigiam os seus admiradores, os seus amigos. Como o assediam, ainda hoje. E o amor, os amores não lhe foram sempre amigos. Vi-o algumas vezes tão profundamente infeliz, que tive ímpetos de raiva contra os que o deixavam assim, ao meu bom irmão. Não que ele não fosse culpado de muita coisa errada. Mas qual de nós age bem quando muito infeliz, ou entregue ao desespero, que não se debate e leva de roldão tudo o que encontra ao seu redor?».

Vejam também as palavras indeléveis do grande Carlos Drummond de Andrade: «Vinicius passou a vida preocupado, à sua maneira, usando meios próprios de expressão, com o problema do destino e da finalidade do homem. Para ele, a princípio, essa finalidade consistia na identificação com o absoluto. Depois, com o tempo, e para sempre, com o amor, que compreende uma vida social e individual fundada na justiça e na paz. A plena realização do amor era, a seu ver, a razão da vida, e a poesia era um meio de tomar conhecimento e de espalhar esta verdade. Sua vida foi a ilustração do seu ideal poético. Ele queria um mundo preparado para o amor, livre de limitações, pressões e humilhações sociais e econômicas. Ora, um ideal desta natureza é, certamente, eterno, e Vinicius o defendeu com muita eficácia, quer na poesia pura quer na poesia em forma de música».

Outro índice da sua generosidade (e simplicidade) é notado quando ele se declara «o branco mais preto do Brasil». Com essa

atitude, revela-se contrário ao orgulho e à discriminação. Poetas! Não podemos prescindir desta coragem de viver sem preconceitos sociais ou raciais. Com Vinicius aprendemos o sentimento de compreensão e respeito pelo semelhante. Jamais «arrogância para com os humildes». Disse ele que haver morado na Ilha do Governador, onde conheceu pessoas simples, foi o que o salvou da burrice. Exemplos de sua doutrina da não-discriminação encontram-se tanto em *Orfeu da Conceição*, quanto no musical *Pobre menina rica*, composto com Carlos Lyra. Nessas criações, como em outras, o poeta pregou a liberdade e a igualdade, como de costume, «sem a estupidez das convenções nem a reserva dos bem-pensantes».

Queridos poetas, recordemos que todos os poemas infantis de Vinicius demonstram carinho pelas crianças e fina sensibilidade diante da inocência, na forma de expressões singelas de ternura. Foi para os próprios filhos que ele escreveu aqueles delicados cantos que revelam a sua ternura de pai. «Onde vais, elefantinho?/correndo pelo caminho/ assim tão desconsolado?/Andas perdido, bichinho?/Espetaste o pé no espinho?/Que sentes, pobre coitado?/- Estou com um medo danado. Encontrei um passarinho». Há um mavioso texto, em que ele externa o seu amor pela primogênita Susana, chamando-a «flor de agosto, filha minha muito amada, para quem eu cantei meus mais sentidos cantos e sobre cujo pequenino rosto adormecido despetalei as mais lindas pétalas do meu carinho».

Comento agora outros aspectos da personalidade de Vinicius de Moraes. O seu desbragado amor pela liberdade, por exemplo, também é uma lição de vida. E sua autenticidade. Não há como não aprender com a sua irreverência em relação aos «chatos-que-fazem-calor», expressão que tomou emprestado de Jayme Ovalle. Ele ironizou as pessoas indesejáveis, que «não sabem andar de madrugada, tendo a amada pela mão ou que nunca choraram de compaixão». Com aquela insólita frase em nagô: «à tonga da mironga do cabuletê», desprezou os críticos que se julgam donos da verdade, os falsos puros «de nervos de nylon», «os homens sem sal, os que desprezam a mulher e o poeta», «os homens da cifra, calabares, sinecuros», mas nunca os verdadeiros puros.

Resta reiterar, poetas, que o seu entusiasmo pela vida e a dedicação à poesia e aos amigos são modelos de comportamento que nos inspiram. Imitemos o exemplo do nosso ídolo. Espelhemo-nos na sua capacidade de cativar as pessoas, seu talento para articular os contatos para construir e divulgar a sua arte, seu empenho em lutar até o fim, com idealismo e abnegação, para honrar a poesia e divulgar a sua obra.

À VIDA

Vida! Precioso bem divino! Ofereço-te as reflexões desta cantiga de amigo em louvor do meu poeta predileto! Para ele, o irremediável sentimental, o idólatra da musa, tão apegado a tantos amigos, a vida só tinha sentido se vivida sob o signo da paixão. E, para ele, dizer paixão é dizer sensibilidade e desejo de comunicar-se através das expressões estéticas. É desfrutar de forma hedonista a aventura de viver. Por isso, honremos o mérito do generoso Vinicius que, em suas andanças pelo mundo, com saudades do Brasil, chamou a pátria «ilha de ternura» e esteve sempre «em contato com a dor do tempo». O que teve o violão como «livro de cabeceira» e viveu cada segundo como nunca mais. O de coração eternamente apaixonado, que viveu o amor demais em cada vão momento.

Quantas vezes não desfrutamos – ó vida minha – a poesia deste apaixonado incorrigível! Com que espantosa imaginação, em enlevos líricos, sob o influxo lunar, ele compara a lua à mulher! «A lua se curva em arco/ num delírio de volúpia». A personificação da lua na mulher amada é uma espécie de culto pagão que só um poeta da imaginação de Vinicius poderia conceber. Muitos poetas já vislumbraram a lua como fonte do esplendor feminino. Mas só um poeta nômade, excêntrico, extraordinário, a conceberia como fonte do orgasmo lírico e da sensualidade cósmica. Estranho poema que mescla aspectos de abstração e lascívia. A um só tempo lúbrico e esotérico, de insólitas metáforas.

Exemplo de inspiração espiritualista é o «Soneto da Rosa»: «Mais um ano na estrada percorrida/Vem, como o astro matinal, que a adora/molhar de puras lágrimas de aurora/ a morna rosa escura e apetecida./E da fragrante tepidez sonora/no recesso, como ávida ferida,/guardar o plasma múltiplo da vida/que a faz materna e plácida, e agora/Rosa geral de sonho e plenitude/Transforma em novas rosas de beleza/em novas rosas de carnal virtude/Para que o sonho viva da certeza/para que o tempo da paixão não mude,/ para que se una o verbo à natureza». Essas aspirações místicas revelam o Vinicius metafísico, que permanece em sua concepção poética, mesmo em muitos poemas da vertente do cotidiano. Outro poema que revela o Vinicius místico é «O tempo nos parques». Esse tempo «íntimo, inadiável, imparticipante, imarcescível», se refere a um instante de integração dos seres vivos, em que animais, vegetais e minerais dialogam num entendimento implícito na natureza. Os três reinos se conjugam

numa atmosfera transcendente. Nesse tempo vivo, humanizado, que medita nas altas frondes, cisma no olhar cego dos lagos e dorme nas furnas, o homem se identifica com os pássaros e as árvores, sob as «redomas invisíveis» de uma clarividente sincronicidade. Instante de extática lucidez em que o ser e o tempo se conjugam em profundas correspondências metafísicas.

A dicotomia que se costuma ver em sua poesia é compartilhada por ele mesmo, que se refere ao transcendentalismo inicial e à experiência vital que o levou à aproximação do mundo material. A diretriz permanente será o desespero lírico. Ele é sempre o inconformado com a transitoriedade de tudo, sempre dividido entre a esperança na plenitude do amor e a desventura de conhecer a sua finitude. Esse insatisfeito com a sina, esse ser sensível, sentimental e sensual, dirá com nostalgia, em *Eu sei que vou te amar*: «à espera de viver ao lado teu,/por toda a minha vida». Mas Vinicius também foi um cantor da alegria e da esperança. Não esqueçamos que ele afirma na *Marcha da Quarta-feira de cinzas*: «E no entanto é preciso cantar, mais que nunca é preciso cantar e alegrar a cidade... Porque são tantas cores azuis,/há tão grandes promessas de luz,/tanto amor para dar e que a gente nem sabe». São preciosas e delicadas as suas canções de otimismo. Outra das mais belas é *As cores de abril*: «olha quanta beleza/tudo é pura visão/ e a natureza transforma a vida em canção». Ele revelou que tinha predileção especial por essa música. No «Samba da Bênção», diz o poeta que «a tristeza tem sempre uma esperança/ de um dia não ser mais triste não». Vê-se aqui o poeta da esperança, capaz de renascer das cinzas da desilusão para apreciar com entusiasmo a perspectiva de um novo dia. Na crônica «Cobertura na Gávea» o vemos declarar-se um afortunado: «sou um homem rico! Na realidade, e que mais preciso? Proprietário de poemas e canções, senhor de uma mulher, de uma paisagem, dono de minha vida e minha morte – não serei eu por acaso o homem mais rico desta terra?».

Em sua vida de emoções intensas, Vinicius oscilou dos momentos felizes aos desventurados. Sentiu o êxtase de conquistar espaço definitivo na memória da posteridade. Sentiu a felicidade de haver-se sagrado um dos maiores poetas da língua portuguesa e do mundo. Desfrutou de instantes de bem-aventurança, cada vez que realizava o seu objetivo, no âmbito sentimental, estabelecendo um novo lar na companhia da mulher que amava. Por outro lado, foi o mais angustiado dos homens, toda vez que se separou de uma mulher, nos difíceis momentos das traumáticas rupturas. Foi um eterno insatisfeito. A inquietude o transtornou sempre, induzindo-o a buscar novas aventuras e amores e exprimir os sentimentos com

franqueza e sem pudor. Que condição paradoxal! Haver sido o poeta total, o cantor do amor demais, o que realizou os seus sonhos, o que possuiu a forma de tantas mulheres, o amante dos prazeres da mesa e da cama, o alquimista que transmutava angústia em beleza! Mas também o incompreendido, o que lutou contra os preconceitos sociais, políticos e estéticos e impôs aos falsos moralistas a sua maneira descompromissada de viver. Foi o que enfrentou a inveja e a deslealdade dos que opuseram ao seu espírito de liberação e ao lirismo de sua vida sem culpas. Ao romper as barreiras entre o popular e o acadêmico, enfrentou a oposição dos detratores. No trânsito do etéreo ao carnal, sofreu o drama das paixões. Não se pode negar que há algo de marginal em sua forma de vida. Embora integrado à sociedade capitalista, foi anti-sociedade de consumo. Contestou as convenções hipócritas da sociedade burguesa. Embora nascido em família ilustre, não desprezou as pessoas simples. Apesar de haver sido diplomata, renegou a profissão porque, segundo declarou, não tinha nada a ver com ele. Conquanto haja sido um eleito, sentiu grande insatisfação existencial. Certamente por isso bebia tanto e buscava sempre um novo amor. A descontração e informalidade não podiam esconder que o mundo lhe pesava sobre os ombros. Na crônica «*Sobre a poesia*», do livro «*Para viver um grande amor*», ele considera a poesia «um elemento de perturbação da ordem dentro da sociedade tal como está constituída». Vê-se que ele mesmo assume a condição de contestador dos falsos valores e da pseudo-ordem estabelecida. Para os moralistas, foi um desajustado, um transgressor dos bons costumes. Mas a bebida era uma fonte de inspiração, uma forma de desregrar os sentidos que, associada à poesia e à música, o ajudava a mostrar o seu amor à vida. Ao beber, desligava-se dos assuntos banais, das chateações. Tanto lhe agradava o estado da embriaguês que, certa vez, estando hospitalizado na Clínica São Vicente, pediu a Baden Powell que lhe trouxesse ali uma garrafa de uísque, escondida sob o capote. A ingestão de uísque foi, contudo, uma força destruidora. Talvez o cigarro lhe tenha sido mais nocivo ainda. O poeta padecia de edema pulmonar, no dia em que deixamos de tê-lo entre os seres encarnados. Desde 1960 ele já iniciara as internações periódicas na Clínica São Vicente, na Gávea, «para se desintoxicar». Talvez Vinicius tenha optado por abdicar de viver uma longa vida. Sabia que a velhice poderia ser uma experiência difícil. Talvez tenha decidido despedir-se da vida aos 66 anos, quase 67, relativamente jovem, face à expectativa de vida dos brasileiros. Mas o que ninguém duvida é que ele desfrutou da vida com intensidade. Tomava, no entanto, a iniciativa de se internar, «para se desintoxicar» e o seu médico, Dr. Clementino Fraga Filho,

cuidava-lhe da diabetes. E ele mesmo decidia sair quando melhorava, prometendo que «tomaria cuidado lá fora». Algumas vezes o seu irmão Helius, que era médico, fazia-lhe a coleta de sangue enquanto ele dormia. Não obstante as extravagâncias da bebida e do cigarro, o poeta tinha certo zelo pela preservação da saúde. Toquinho fala da disciplina com que ela usava fio dental e escovava os dentes e a língua.

Não seria, talvez, uma forma de rebeldia a obsessiva busca da paixão? Ele justificava a inconstância como uma atitude de rejeição ao amor sem o tempero do sentimento apaixonado. Para quem não teve a sua ousadia, a idéia de ser feliz morrendo de paixão parece algo insólito. Eros e Tântatos associam-se não raro na poesia viniciano. Os estudiosos destacaram essa circunstância em sua poética. É trágico o poeta que oferece à amada o instante da morte «para vivermos em nosso decesso uma só eternidade». «Partiremos tontos de poesia/para a porta de treva aberta em frente», diz ele no «Soneto da Hora Final». Exemplo flagrante da sua morbidez é o terrível poema (no sentido da crueldade do tema) «Sob o Trópico de Câncer». Assim nosso poeta mostra a face paradoxal da sua poesia. Com a mesma profundidade com que cantava os deleites e as agruras do amor, revelava o esplendor e a sordidez da vida.

A antítese existencial de Vinicius não é uma equação simples. Embora tenha feito na vida tudo o que queria, tendo realizado o seu ideal na expressão da poesia, viveu estigmatizado pela angústia. Sua preocupação permanente com a morte – «angústia de quem vive» se vê em muitos poemas: o «Soneto da Hora Final», «A Morte de Madrugada», «O Morto Vivo», «Máscara Mortuária de Graciliano Ramos», «Balada Das Duas Mocinhas de Botafogo» e outros textos. A verdade é que sua sensibilidade não se ajustava ao materialismo da sociedade de consumo. O cotidiano lhe era agressivo, embora ele jamais se recusasse a participar da vida. Em *O Falso Mendigo*, confessa-se acometido por «um tédio enorme da vida». Mesmo assim não renega o seu amor pela existência. «Não quero perder nada na vida». Para ele, em que pese alguns fatos desagradáveis, a vida merecia ser vivida e deveria ser alentada pelo esplendor da poesia. O lenitivo da palavra ritmada o ajudava a suportar a dor de existir: «tenho horror da vida/quero fazer a maior poesia do mundo». Ao fim do poema, declara-se «falso, miserável, sórdido», o que significa ser incapaz de exercer qualquer profissão, ser inábil para pedreiro, comerciante ou advogado. Contudo, tem consciência de que a vocação poética lhe confere a virtude de ser, embora filho pródigo «o melhor, o mais doce e o mais eterno da tua

puríssima carícia». Ser poeta, para Vinicius, é ser autêntico para assumir a condição que a vida lhe impôs por fatalidade de amor.

No *Soneto de Inspiração* a temática existencial aparece explícita no primeiro quarteto: «Amo-te como se ama todo o bem/que o grande mal da vida traz consigo». E prossegue no terceto final, em que se entrelaçam a visão do amor e o sentimento da vida: «soubesse eu ver/atraves da tua carne defendida/que sou triste demais para esta vida/ e que és pura demais para sofrer». Como a vida é triste de modo geral, o poeta se preocupa, de maneira paternal, com a mulher, dotada de pureza materna, fonte de ternura, sujeita aos sofrimentos da vida. Mas se foi paternal às vezes, mostrou também um sentimento infantil em outras ocasiões. Comportava-se como um menino desamparado, carente de uma mulher que exerça a função de mãe, que o proteja, quando diz, nos versos finais de *Poema para todas as mulheres*: «que eu quero fugir, quero a minha mãezinha, quero o colo de Nossa Senhora». Aqui o poeta se revela indefeso e terno como uma criança. Essa contingência faz parte da sua busca de simplificar-se, tornar-se anti-convencional. A propósito do reconhecimento da simplicidade, confessou: «não sei absolutamente nada da vida diante de um pescador». Com relação à autenticidade, diz João Carlos Pecci que o poeta «zombava da rigidez, caçoava dos extremistas».

Em *Elegia Quase uma Ode*, declara Vinicius que o seu caminho de poeta é inocência, amor, alegria, sofrimento, morte, serenidade, porque um poeta é uma pessoa consciente: «é preciso que eu não minta para poder dormir». A virtude de sentir a poesia da vida, ou sentir a vida com poesia, às vezes o leva ao desespero. Chega ele a deplorar o sonhar, o ter tristezas e saudades. A precoce iluminação da poesia custou-lhe a tristeza de «sofrer tão moço» e conhecer «abismos verdadeiros». E confirma, em confissão devota, que sofre tudo - «anjo e demônio, angústias e alegrias/ que peço contra mim e contra Deus». Vemos o poeta dividido entre os gestos de pureza e a carne alucinada. Essa condição o torna um sofredor sem remédio, cuja consolação é deixar a aventura governar-lhe a vida. Porém, quando se sente incapaz de tal êxito, pede socorro, pede paciência, delira com a sua insatisfação - «Quero o pedaço de céu que vi, há três anos/atrás de uma colina que só eu sei./ Quero o perfume que senti não me lembro quando que era entre sândalo e carne de seio». Alucinado de passado, aniquilado de saudade, eis o poeta carente das «carícias da amiga». O sacerdote do amor, carente da sua amada, afoga-se nas flores da poesia.

Em «O Desespero da Piedade», correspondente à segunda parte da «Elegia Desesperada», vemos um Vinicius solidário com a dor dos seres mortais. Ele cita uma lista de seres dignos da piedade

divina – «as pequenas famílias suburbanas, os adolescentes que se embebedam, os que inventam a doutrina do pão e da guilhotina, o mocinho franzino, três cruces, poeta, o impávido que encaminha lutando remando, nadando para a morte, os músicos dos cafés e casas de chá, os pobres que enriqueceram, os vendedores de passarinhos, os barbeiros e cabeleleiros, os sapateiros e caixeiros de sapataria, que lembram madalenas arrependidas, os dentistas que vivem para fazer sofrer». E até os políticos, todos são dignos do seu compassivo amor. Mas é pelas mulheres, sobretudo, que ele mais roga ao Criador. As mulheres de toda sorte merecem «amor, amizade, poesia, sinceridade, alegria e serenidade». Considera-as melhores que os homens, «que o homem não presta, porque as molesta. Com o sentimento cristão do auto-sacrifício pelo semelhante, clama: «Ulcerai minha carne, mas tende piedade das mulheres». E diz que a mulher é como a lua parindo desilusão. Considera-as «puras, crianças, trágicas e belas». Elas «têm a única emoção da vida nelas». «Tende piedade delas, Senhor, que dentro delas a vida fere mais fundo e mais fecundo e o sexo está nelas e o mundo está nelas. E a loucura reside nesse mundo».

Em sua bondade implora pelas santas mulheres, pelos meninos velhos e pelos velhos humilhados. Ao fim, pede num generoso gesto, para si mesmo os restos da piedade divina, pois tudo merece um olhar. Na *Elegia ao Primeiro Amigo*, abre a alma por inteiro: «Trago/nos dedos um constante afago para afagar; na boca/um constante beijo para beijar». Assim expressa a sua amorosa forma de viver – com afeto, delicadeza e sinceridade («não conheço o dom da injúria»). Na seqüência do poema, Vinicius se auto-define: «meu comércio com os homens é leal e delicado; prezo ao absurdo/ a liberdade alheia; não existe/ser mais delicado que sou; sou um místico da delicadeza/sou um mártir da delicadeza; sou/ um monstro da delicadeza». Também diz: «não sou bom nem mau: sou delicado».

No final do poema reconhece que o seu destino é seguir uma mulher. E o consolo de saber que foi amante lhe revela que existe entre ele e a mulher «um acordo secreto, maior que o amor e a carne, uma promessa de socorro,/ de compreensão e de fidelidade para a vida». Eis a definição do sentido do afeto de Vinicius diante da vida: enfrentar os desafios com a fé dos que acreditam na sinceridade e no perdão.

Diz no poema *A morte* o habitante da selva escura da paixão: «Ai dos homens que matam a morte por medo da vida». Demonstra, assim, a convicção de que a vida existe para ser consagrada à causa do amor, ainda que essa consagração implique sofrimento. A covardia consiste em «matar a morte». Ela virá de

qualquer jeito. É um decreto. «vem de longe, do fundo do céu» e é «a grande esperada do amor fratricida dos homens». Diante da expectativa de sua chegada, a sabedoria é dar a vida por um ideal e por alguém. E não fugir do desafio de amar. Conquanto advirta, no já citado *Soneto de Corifeu*, que «são demais os perigos desta vida pra quem tem paixão», sabe que não vale a pena resistir a uma nova paixão, quando «andar perto uma mulher que é como a própria lua,/tão linda que só espalha sofrimento,/tão cheia de pudor que vive nua».

Através da poesia, das canções, da boemia, do amor à liberdade, da vida dionisiaca nas praias, Vinícius com seus parceiros Tom Jobim, Carlos Lyra, Edu Lobo, Chico Buarque, Francis Hime e escritores como Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino e Drummond, consagrou a legenda dourada do Rio de Janeiro. Com estes luminares da melodia e da palavra nos transmitiu uma energia nova, uma forma otimista de ver a vida. «A esperança é um bem gratuito», dizia o poeta, celebrando o prazer de viver na mais bela cidade do mundo, consciente de que «ser carioca é um estado de espírito».

Recordemos o quanto Vinicius, embora cidadão do mundo, foi fiel às raízes brasileiras. Declarou-se «o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô». Foi um apaixonado pela pátria. O poema *Pátria Minha* prova o seu sentimento de identificação com os valores brasileiros: «A minha pátria é como se não fosse, é íntima/doçura e vontade de chorar». Os caminhos de volta à pátria trazem a visão do Cruzeiro do Sul. Nem florão nem lábaro. Praia branca, rio secular. «Mais do que garrida, a minha pátria tem uma quentura, um querer bem». Não era um homem talhado para os longos exílios. Também disse: «Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde/circulo! E sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!» E confirmou: «O Brasil é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. Quanto mais viajo, mais me convenço de que, apesar da bagunça nacional, das crises políticas, de tudo o que atrasa o progresso do nosso país, nós criamos uma humanidade, ou melhor, um humanismo novo que não tem preço». Onde quer que estivesse no exterior, morria de saudade do «mar verde-azul de infinita doçura». No dia que criaram o perverso AI-5, Vinicius se encontrava em Portugal, numa temporada de concertos. Sobressaltado pela infausta notícia, disse preferir morrer se não pudesse viver no Brasil. O poema *Olhe aqui, Mr Buster...* é outro exemplo. Ele pergunta ao gringo, que custava a entender porque ele queria voltar ao Brasil se podia ficar mais um ano em Los Angeles: «O Sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha? O Sr. sabe lá o que

é ter uma jaboticabeira no quintal? O Sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?».

Às vezes parecem coexistir em Vinicius dois homens distintos: de um lado o inquieto, que se casou tantas vezes quantas comprou Enciclopédias Britânicas e sofreu profundamente cada separação. Do outro, o «bon vivant», boêmio sem horário pra coisa nenhuma, metido uma banheira a escrever letras de canções. A síntese de ambos é o poeta entusiasta e aventureiro que se entedia de repente. É o trabalhador que passa as noites compondo música, mas reclama (na «Mensagem a Rubem Braga»): de manhã, quando se sai para o trabalho, dá uma tristeza, a rotina». O resultado dessa sensibilidade exacerbada era obsessão em refazer a vida com outra, depois de algum tempo de convivência com uma mulher. Mas, pelo que se lê na biografia dos maiores poetas, a vida absolutamente equilibrada não gera grande poesia. O maior tradutor do sentimento humano não costuma ter grande habilidade para as coisas práticas. No caso de VM, as suas filhas e as irmãs é que lhe compravam roupas e o ajudavam a resolver problemas da vida cotidiana.

No poema *O haver*, diz ele: «resta essa tristeza diante do cotidiano». Sem dúvida, o trabalho que lhe agradava era o da poesia. Nesse particular, não perdia a oportunidade de dizer que trabalhava muito. Principalmente quando brincavam com aquela pecha de vagabundo que lhe queriam impingir. A criação das letras de música não lhe exigia menor disciplina que a necessária à produção literária propriamente dita. Quando alguns críticos falavam do seu «desvio poético» para a canção popular, ele, cioso da liberdade de criar, dizia que os intelectuais o chateavam com a exigência de pensar inteligente. Mas não levava tão a sério as opiniões preconceituosas. Tinha o aval de autoridades como Drummond, Ferreira Gullar e Chico Buarque, que consideravam a popularização da sua poesia uma das melhores proezas vinicianas.

Ao justificar-se porque se casou nove vezes, respondeu que a vida não é uma coisa estática. «E o amor não pode requestrar». E disse que, cada vez que se separou de uma mulher, levou apenas a escova de dente. Segundo revelou Gilda Matoso a João Carlos Pecci, na já citada biografia do poeta, ele sentia, de vez em quando, um peso na consciência e se culpava pelas distâncias e mudanças de casamentos, dizendo-se um mau pai.

Como prova de bom gosto, não dispensava a companhia dos amigos, que se sentavam à sua mesa, no Café Vermelhinho, no Bar Veloso e outros núcleos de boemia do Rio epicurista. Entre os mais assíduos, lá estavam José Carlos Oliveira, Moacyr Werneck de Castro, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos.

Carlos Lyra estudou-lhe a personalidade à luz dos astros e diagnosticou o seu caso como um «melancólico otimista». A verdade é que Vinicius se entregou de tal maneira à aventura do amor, que viveu como que inadaptado às regras sociais. Exagerou nos hábitos de beber e fumar. Trocava o dia pela noite, dormia pelas 6 horas da manhã e despertava às duas da tarde. Mas isso era imprescindível para alguém que vivia sempre apaixonado. Quem nunca curtiu uma paixão pode achar o seu estilo de vida um simples sinal de instabilidade emocional. Ele mandava ter cuidado com quem não estivesse apaixonado. Era preciso muita coragem para trocar de mulher, montar nova casa e começar tudo outra vez. Embora sofresse terrivelmente a cada separação, preferia proceder assim. Era o seu jeito de ser e não queria mudar.

Importava constituir a sua plêiade de parceiros. À lista dos primeiros acrescentou Chico Buarque, o talentoso filho do amigo Sérgio Buarque, e Toquinho, para o qual escreverá mais de cem letras. Chico não era nascido quando Vinicius já freqüentava a casa dos seus pais. Ainda menino admirava o poeta e cantava as suas canções com as duas irmãs cantoras. Depois, Chico e sua mulher, Marieta Severo, convidaram Vinicius para ser o padrinho de Silvia, a primeira filha do casal. «Compadres têm que ser parceiros», decretou VM, dando-lhe a canção «Gente Humilde», melodia de Garoto e a letra quase acabada, para que colocasse os versos finais. Não tardaram outros frutos da parceria, como «Valsinha», «Desalento», «Olha, Maria» e «Samba de Orly». Em 1968, quando Vinicius precisava de um violonista para gravar em Milão um disco com Ungaretti e Sergio Endrigo, conheceu Toquinho através de Chico Buarque e logo lhe perguntou: «Quer fazer uma viagem comigo?».

Quanto à sua maneira peculiar de viver, vale a pena recordar ainda alguns hábitos que denotam a sua personalidade excêntrica. Por exemplo, os demorados banhos de banheira, durante os quais ele meditava e escrevia, usando, como artefato, uma tabuleta sobre a qual colocava a máquina de escrever. Na sua casa de Itapuã, vangloriava-se de ter uma banheira com vista para o mar, onde se sentia como se a bordo de um navio. Passava horas, quase imóvel, pensando na vida, naquele ritual que durou a vida inteira. Dizia ele que era uma terapia de regressão ao útero materno e um treinamento para a morte. De fato, o último momento de sua vida aconteceu em pleno banho de imersão, numa madrugada em que escrevia novas canções. Outra de suas características era gostar de cachorros. Criava grandes cães no jardim da casa de Itapoan, que tinha no centro a estátua de um cachorro, como uma espécie de deus guardião da mansão. Dizia que uísque era uma bebida amiga

do homem, uma espécie de «cachorro engarrafado». Era dos mais prazerosos o seu sentido de humor. A propósito, contam que, deprimido, em uma das separações, consultou uma analista. Indagado pela doutora sobre em que estava pensando, respondeu: «em suas pernas, que são muito bonitas».

Gostava de cozinhar. Gostava de comer ovos fritos. Preparava, às vezes, frango assado nos almoços. Sua receita de feijoada em versos está publicada na edição das suas obras completas. As musas certamente atestam que, na prática, ele confirmava a habilidade de «fazer comidinhas» «para viver um grande amor».

Além das já mencionadas opiniões de eminentes personalidades do mundo artístico, citarei duas de suas grandes amigas, a saber, as atrizes Tônia Carrero e Odete Lara. Disse a primeira: «era muito fingido, esse Vinicius! Malandríssimo. Mas uma figura ímpar, se é que existe Olimpo, ele está lá. Quem teve Vinicius como amigo não pode substituí-lo por ninguém, não encontra mais». No infausto dia que o bardo deixou este mundo, a sua sensível amiga pronunciou as mais belas palavras, entre os circunstantes: «As coisas de Vinicius vão ficar para sempre. Ser poeta é a coisa maior que se pode dizer de um homem. É difícil saber se a gente se empobrece com a sua morte ou se engrandece por ele ter vivido. Vinicius nos deixou muito mais ricos com sua poesia». Odete Lara, que gravou uma coletânea de seus poemas e participou do disco em que o poeta interpreta, pela primeira vez, as suas canções, disse o seguinte: «os hippies ainda não haviam chegado e Vinicius já era um deles. Foi o primeiro que conheci».

O mencionado disco, lançado em 1963, com músicas de Vinicius e Baden Powell, foi produzido por Aloysio de Oliveira. Devemos a ele algo do êxito de Vinicius na música. Ele foi quem convenceu o poeta a cantar pela primeira vez, na boate «Au Bon Gourmet», em 1962, no Rio de Janeiro. Foi também o promotor do concerto do Canecão, um sucesso retumbante, em 1977, com VM ao lado de Tom, Toquinho e Miúcha.

Os filhos do poeta, Susana, Pedro, Georgiana, Luciana e Maria são unânimes em manifestar o seu apreço pelo pai que tiveram. Na já citada biografia, escrita por João Carlos Pecci, obra essencial para a compreensão da personalidade do poeta, declaram que ele trazia-lhes presentes, quando voltava das viagens e concordam em que foi sempre carinhoso. Mas se aproximava mais dos filhos quando eles ficavam adultos. Susana elogia a tolerância que Vinicius demonstrava, «não moralista e sem pré-julgamentos». «Acolhia a todos com uma paciência de anjo». Dizia a ela: «Filhinha, no fundo as pessoas têm sempre uma coisa

interessante». De Pedro foi ele companheiro em todos os momentos, sobretudo nos mais difíceis, nas tristezas. Bebiam juntos, conversavam muito. Eles publicaram um livro, em 1968, com fotos do filho e poemas do pai. Georgiana o acompanhou em shows como percussionista e em momentos de boemia, bebendo nas noites cariocas. Na sua avaliação, «ele optou pela liberdade e pagou um preço por isso, que nós todos pagamos junto. Mas acho que saldo foi positivo». Luciana, que foi criada por sua tia Lygia, e hoje em dia administra os negócios ligados à obra de seu pai, recordou que o poeta almoçava aos domingos na casa de sua avô, dona Lídia. Falou do dia em ela completou 18 anos e ele a levou ao bar Antoninos, sendo que, das duas horas que durou o encontro, uma hora foi só de choro. Ele explicava assim a sua ausência e mostrava que só conseguia um relacionamento direto com os filhos quando eles ficavam adultos. Naquele dia, Vinicius deu-lhe conselhos e, a partir de então, ficaram mais próximos e mais amigos. Maria, embora fosse criança no tempo em que conviveu com seu pai, recorda, com carinho, que ele lhe dava presentes, comprava-lhe sorvete, fazia mimos e a levava a restaurantes. Ao referir-se a Vinicius disse ela que tem «a impressão de que ele transcendia, avançava um pouco à frente de sua época».

A formação literária do nosso poeta sempre me despertou certa curiosidade. Sabia eu, desde jovem, que ele havia estudado em Oxford. Lera a obra dos maiores poetas ingleses: Shakespeare, Milton, Shelley, Byron, Keats, Wordsworth... Havia morado em Paris e ali tivera acesso a toda a obra dos grandes franceses que citava em seus poemas. Perguntei-lhe, quando de sua visita ao Ceará, em setembro de 1977, que poeta francês – Verlaine, Rimbaud ou Baudelaire - mais o influenciou. Rimbaud, respondeu ele. Declarar-se discípulo daquele místico é, de certo modo, reconhecer-se excêntrico, marginal, adepto do desregramento dos sentidos.

Vinicius bebeu nas fontes de diversos poetas, a começar pelos românticos. As imagens visionárias da sua poesia e a temática do amor e da morte o romantizam. Mas ele transcendeu o sentimentalismo romântico, diversificando a temática com motivos do cotidiano. Nesse aspecto, teve de Manuel Bandeira e Carlos Drummond indiscutível influência. Através das epígrafes, podemos identificar algumas de suas leituras: Manuel Bandeira (em *Cinepoema*), Antonio Machado (em *A Morte de madrugada*), Leopardi (em *O mergulhador*) Rilke e Baudelaire (em *O Escravo*), Claudel (em *A música das almas*), André Gide e Rimbaud (em *Três respostas em face de Deus*), para mencionar apenas algumas referências. Na crônica «O Aprendiz de Poesia», do livro *Para uma*

menina com uma flor, ele menciona alguns poetas que lia e imitava, quando ainda se iniciava nos mistérios no conhecimento poético. Cita o soneto «Anoitecer», de Raimundo Correia, como modelo de excelência. Fala de Castro Alves e Olavo Bilac («que cedeu-me o diamante com que cortava os duros cristais de sua poesia»). Refere-se a Guilherme de Almeida, Menotti, Antero e Casemiro. Mário de Andrade viu em alguns versos de *Novos Poemas* «certos preciosismos gramaticais e verbais» oriundos de uma fecunda influência de Manuel Bandeira, cuja poética conferiu «um sopro novo de vida real e de amor objetividade» ao seu hermetismo anterior. Considerou um dos sinais positivos desta influência o poema «O Falso Mendigo», «uma das suas mais comoventes criações». Quanto à ressonância poética de Garcia Lorca, observa Renata Pallotini, nos ritmos e no vocabulário das baladas vinicianas, a marca do *Romancero Gitano* do grande andaluz. Vê semelhança entre os estribilhos «porque hoje é sábado e «a las cinco de la tarde», o que considera uma honrosa filiação. Na prosa, seguramente Pascal, Kierkegaard e Nietzsche, formam seus pensadores prediletos, já que os seus conceitos filosóficos fundamentais se encontram em momentos altos da sua poesia. Nas crônicas encontramos a leveza e o senso de humor dos melhores cronistas brasileiros: Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade, discípulos do engenhoso Machado de Assis.

Apesar da vida dissoluta e boêmia, Vinicius demonstrou, através da obra e de atitudes, profunda consciência da sua missão social e espiritual. Foi um luminar do pensamento existencialista. A forma irreverente e autêntica de viver era o seu método informal de comprometer-se com as causas da liberdade e da fraternidade. Dotado de admirável versatilidade, escreveu sobre diferentes assuntos, em prosa como em verso. Não deixando de ser um sonetista clássico, adotou, em diversas circunstâncias a prosa poética. Dono de uma habilidade técnica que o aproxima tanto dos iconoclastas de 22 quanto dos formalistas de 45, foi exuberante em no ritmo e no gênero. Foi perito na fábula, na prosódia e na imagética da poesia. Revelou-se um místico na abordagem dos temas metafísicos. Especialmente na compreensão amorosa do humano. Não obstante a mudança de expressão para o tratamento de temas concretos, não perdeu nunca aquela percepção do «ar cheio de murmúrios misteriosos». Confessou que, embora não acreditasse no candomblé, gostava da beleza dos ritos e do fato de ser uma religião onde o pecado não existe. Fazia as coisas que Mãe Menininha mandava. Por exemplo, passava uma bolinha de farinha no corpo antes de entrar num avião. Sentiu intensa emoção no dia

em que a viu por primeira vez, quando ela revelou que ele era filho de Oxalá. Por isso carregava em si o sofrimento do mundo.

Embora tenha dito, no refrão cantado de «Para viver um grande amor», que só acreditava em Deus diante de um documento de cartório com firma reconhecida, sabemos que vivenciou diversas experiências místicas de contatos com espíritos desencarnados. Exemplo disso se evidencia no poema *Exumação de Mário de Andrade*, em que ele diz haver recebido a visita do amigo em espírito. Narra a sensação da sua presença física: «sinto pesar o puro espaço/às mãos do poeta em meus cabelos». Há referências a episódios em que o poeta viu fantasmas. Disse ele que Mário de Andrade vinha visitá-lo sempre que ele estava sozinho ou sofrendo. Pousando-lhe a mão no ombro, conversava horas sobre «assuntos sentidos, poesia, amizade, beleza, amor morte, vida, arte, povo, mulher, bebida – e poesia ainda, e ainda poesia e mais poesia».

É notória, já se vê - ó vida, a minha admiração por Vinicius! Se este ensaio é um a mais na série de textos publicados a seu respeito, há de ser o que foi escrito com mais afeto e mais estima. Essa admiração vem dos primeiros momentos que me interessei por poesia. Aos 16 anos já andava com a “Antologia Poética” dele por todo lado, lendo-a sem parar, com o maior entusiasmo pela tonalidade lírica. Sentia identificação total com os temas eternos da poesia romântica, que tanto me agradavam. Apreciei logo tanto a sua poesia feita para os livros quanto a que ele fazia para a música popular e sempre achei que ele estava certo, quando dizia que ambas faziam parte de um todo, que era ele mesmo. Entendia perfeitamente que letra de música e poesia são uma coisa só. Decidi então seguir os passos daquele ídolo. Decidi que não queria ser como ele, mas ele mesmo. Para conseguir esse alto objetivo, a primeira coisa a fazer era conhecê-lo pessoalmente. Naquele afã de adolescente, precisava falar-lhe que no Ceará havia um jovem poeta que queria ser igual a ele e estava disposto a qualquer sacrifício para realizar o seu sonho. Com esse propósito, fui a Salvador, no ano de 1976, quando completei 18 anos. Faltou-me a sorte de encontrá-lo. Falei apenas com o jardineiro da casa de Itapoan, um rapaz negro de nome Ismael, que me disse: «o seu Vinicius está viajando com o Toquinho. Eles foram pra Argentina, ou Chile, fazer shows. Ele viaja muito». Contentei-me com perguntar-lhe o que achava do patrão. Ele fez entusiasmados elogios ao poeta: «uma pessoa simples, gentil, que dá atenção a todo mundo e trata todo mundo com muita educação». Depois de um ano e pouco eu realizaria o meu sonho. Vinicius foi a Fortaleza, fazer uma palestra no Teatro José de Alencar. Na ocasião, participei de uma entrevista coletiva que com ele fizeram alguns intelectuais e jornalistas

cearenses. Perguntei-lhe se ele via alguma diferença entre a sua poesia de livro e a das letras de música. Ele disse: são a mesma coisa. Indaguei sobre o poeta francês da sua predileção. Ele me respondeu: Rimbaud. Indaguei sobre a carreira diplomática. Declarou que não era a sua vocação. Que não gostava de formalidades. Naquela ocasião autografou-me um exemplar de sua “Antologia Poética”, «com votos lindos e fraternos». Depois de alguns meses, visitei-o no camarim, depois do badalado show do Canecão, em 1977. Com a maior emoção, dei-lhe um exemplar do meu primeiro livro. Ele, cercado de mulheres por todos os lados, quase que autografa o livro que lhe dei, pensando que fosse um dele e que eu estivesse pedindo autógrafo. Àquelas alturas, o poeta já havia tomado muitas e era natural que, sob o assédio de tantas fãs, confundisse um pouco as coisas.

Minha aproximação com a sua família em 1982, dois anos depois de sua morte, deveu-se ao querido amigo, Embaixador e escritor Mellilo Moreira de Mello, íntimo e parente dos Mello Moraes. Fui recebido cordialmente na casa de dona Letícia, irmã do poeta, na rua das Acácias, na Gávea. Por ela, pelo marido, Embaixador Arnaldo Vasconcelos e por dona Lygia, a irmã que tanto ajudou Vinicius nos momentos difíceis das separações. Elas autografaram pra mim um exemplar da «Antologia Poética».

A fase final da vida de VM foi marcada pelas crises de saúde que se agravaram em sua última viagem à Europa. Em 1979, quando ele viajava de Paris a Atenas de carro, começavam os sintomas de incontinência urinária e problemas neurológicos. Depois, sofreu disfunções psicomotoras no avião de Paris ao Rio. Foi-lhe diagnosticada uma hidrocefalia, pelo agravamento da diabetes. Em abril de 1980, foi operado para a instalação de uma válvula no cérebro. Recuperou gradualmente a memória. Aqueles foram seguramente os dias mais difíceis da sua vida.

Foram de sofrimento os seus últimos dias, quando, gravemente enfermo, não cessou de trabalhar. Compunha com Toquinho novas canções infantis para o disco *Arca de Noé*. De madrugada, foi tomar o costumeiro banho na banheira e começou a respirar com dificuldade. Era o princípio do fim.

O poeta se despediu do mundo na manhã do dia 9 de julho de 1980. No cemitério de São João Batista, centenas de pessoas comovidas cantaram, imersas em lágrimas, algumas de suas canções. Naquele dia, ao ler nos jornais a indesejável notícia, senti uma profunda tristeza e meditei sobre o momento dramático, sobre o qual o poeta pensara tantas vezes, tanto tempo antes. Por tudo quanto viveu e amou o nosso poeta maior, - ó vida, ó sentimento meu – quem duvida que a morte o abateu de mal de amores?

Recordei a pergunta de *A hora íntima*: «quem pagará o enterro e as flores se eu me morrer de amores? Estou seguro de que o poeta entrou nos jardins da morte como previu no poema «O Deve e o Haver»: como se diante de uma nova namorada que lhe abrisse a porta. O importante é nos legou, no convívio com os seres humanos, exemplos de sua capacidade de ternura, seu medo de ferir tocando, a busca de um só Vinicius, o desejo de servir e o cultivo da pequena luz indecifrável a que os poetas chamam esperança.

À MUSA

Musa, tenho a grata satisfação de realizar o meu antigo ideal de louvar o poeta Vinicius de Moraes, movido por um sentimento de identificação com tudo quanto o inspirou sempre: cantar o amor e entregar-se arrebatadamente às paixões, até morrer de amar, isto é, assumir a condição de poeta de forma integral! A sua poesia foi celebração da vida, ainda que com a carga de sofrimento das vicissitudes da vida. Mas, como afirmava o nosso sábio instrutor, sofrer de amor é algo sublime, porque permite ao poeta exercer a sua faculdade de oráculo e viver inebriado de êxtase, para carregar, com alegria e emoção, o fardo da vida. Celebremos a vida e o pensamento do poeta que tanto amamos, o nosso ídolo, do qual nos fizemos discípulos!

Nesse momento vou ler e interpretar alguns dos mais belos poemas e canções deste luminar da arte da palavra, que se tornou universal, pela amplitude visionária da sua poesia. Celebrarei o seu encantamento diante da beleza, do charme e da generosidade das mulheres e diante do mistério que existe na atração dos seres apaixonados. Falarei, tal como ele, a linguagem do afeto, inspirado pelas «razões do coração», pois recordarei o jardim em que plantamos belas rosas da arte viniciana. Curtimos os afro-sambas, sonhamos com os enlevos e idílios que ele viveu, a um só tempo encantado e atormentado pelas paixões. Com ele aprendemos que as noites são vazias sem a companhia da pessoa amada.

Iniciemos pelo poema *Ternura*, no qual Vinicius se refere a um súbito amor que existe há muito tempo e que acontece como expressão de afeto ou paixão sublimada. Pois a ternura é um sentimento espiritualizado, que torna luminoso o amor carnal: «eu te peço perdão por te amar de repente,/ embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos,/ das horas que passei à sombra dos teus gestos,/ bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos, /das noites que vivi acalentado pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo». Eis aí o enamoramento em que o amante, delicadamente, pede perdão pela realização do amor que vivia recôndito. O afeto era uma canção que embevecia a amada. Era um encantamento que seduzia o poeta. Ela, hesitante, à espera dos seus argumentos irrecusáveis. Ele, sensitivo, bebendo-lhe os sorrisos, acalentado pela expectativa dos carinhos, movido pelo desejo de concretizar o seu intento amoroso. Ao confessar-se apaixonado, manifesta a serenidade e a sinceridade do seu afeto: «Trago a

doçura dos que aceitam melancolicamente». Revela-se dócil, generoso, disposto a submeter-se à sua decisão, qualquer que seja. Declara-se capaz de amar com suavidade e naturalidade: «sem o exaspero das lágrimas, nem a fascinação das promessas, nem as misteriosas palavras dos véus da alma». É seu intento amar em paz, deixar fluir o sentimento como «um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias». Esse amor que nada exige e tudo oferece, pede apenas «que te repouses quieta, muito quieta/ e deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático da aurora». Pede-lhe, portanto, que receba a serena efusão de suas carícias que, de tão naturais, transbordam ternura.

Vejamos este outro belo poema, que se chama *Cântico*, e é uma declaração de amor, plena de emoção e admiração pela musa. Em sua devoção lírica, ele a compara à estrela, à morada, à cantiga do amor. Estrela, porque recebe a luz do seu sorriso e do seu carinho. Morada, porque é a flor (o lírio) em que se materializa o sentimento. Cantiga de amor, porque produz inspiração. Inebriado pelo seu enlevo, enumera as qualidades substantivas da mulher amada: «tu és todo o esplendor, o último claustro da elegia sem fim, anjo! Mendiga do triste verso meu».

Pleno de imagens inspiradas na natureza e na essência do ser («fosses a idéia, o sentimento em mim, fosses a aurora, o céu da aurora ausente, amiga, eu não te perderia!»), o poeta imagina a hipótese da musa absoluta, a que está presente como a luz da madrugada. Pelo seu poder extra-sensorial, a amada perdeu-se de sua vista. Imergiu no mundo sobrenatural («entre as vagas flores», «entre os vagos rumores do mar»). Ela é um fruto prodigioso da natureza – tem «olhos cor do firmamento, céu castanho da tarde», linda «como o verde trigal maduro». Expande poesia no andar, viabiliza a manifestação da poesia. O poeta-girassol é o satélite em órbita, contemplando a sua beleza.

Cabe recordar os versos da canção *O astronauta*, em que ele diz: «quando eu me pergunto se você existe mesmo, amor,/entro logo em órbita no espaço de mim mesmo amor». O enlevo da paixão o faz levitar, atraído pela força magnética da beleza da amada. Beleza que «é porque é», e não se justifica com palavras ou pensamentos, mas é só sentimento, só encantamento. Aos olhos do amante, a mulher amada é soberba, porque ele depende dela emocionalmente. Em seu hino amoroso, a vê semelhante a tudo quanto há de belo e sedutor na natureza: «Rosa, andorinha, doçura, água que corre no chão morno da montanha». Aqui transparece a idéia sensual de comparar o sexo da mulher com a suave, cálida água no chão morno. A mulher amada representa o sentimento que faz do homem um ser generoso e terno. Seu corpo

sacia-lhe a sede. Seu nome está no canto do pássaro, sua presença é música que fascina e que ensina a morrer. A esse respeito, na *Serenata do Adeus* o poeta diz: «que amar é se ir morrendo pela vida afora;/ é refletir na lágrima o momento breve/ de uma estrela pura, cuja luz morreu,/ numa noite escura e triste como eu». Diz, também, que a partida é um rasgar o coração e a morte do amor é um esvair-se em sangue. Algo trágico e belo, em que o desejo de amar é tão forte que, uma vez contraditado, é semelhante ao fim da própria vida. A lágrima reflete a estrela que morre na noite, tão escura e triste quanto o solitário romântico. A luz vista depois do adeus é triste visão. Porém, no *Cântico*, o sonho o reconforta como sombra e claridade. E o sentimento é recíproco, o canto e o silêncio se unem, no trêmulo sossego triste. E a melancolia se desfaz quando a amada pergunta se continua a ser amada e ri de júbilo ante a resposta. Na ânsia de comunhão dos corpos e almas, o amante pede: «carrega-me em teu seio, louca! Sinto a infância em teu amor!». No seu delírio sentimental, o amor tem a inocência misteriosa da infância. Dá nomes graves às coisas impossíveis. É um bálsamo que consola - «encosta a tua face no meu peito nu, ouves? O tempo do amor é eterno – quanto mais tarde mais cedo!». É tal a onipresença do amor, que o amante possui o mar e reconhece a rosa pelo nome da amada. O seu aroma se manifesta pelo chamado do poeta, que quer brincar como criança. Porque na infância reside a beleza, a ternura e a alegria que suavizam o pranto da saudade.

Mas a dor é a outra face do amor - «o amor só é bom se doer», diz ele no *Canto de Ossanha*. E para os que se entregam vencidos pelo amor, não cabe o temor do sofrimento. É sina do poeta e da musa sofrer de amor. O poeta só é grande se sofrer. A musa é tão linda que só espalha sofrimento. Mas, também, quanto êxtase há na arte de viver um grande amor! «Ser feliz é viver morto de paixão», diz ele em *As cores de abril*.

Esse é o Vinicius que adoramos, pela grandeza generosa da alma. É o nosso guru. O que não soube viver senão permanentemente imerso na doçura de um romance amoroso, fossem quais fossem as conseqüências. Pois, como ele diz na canção *Primavera*, é tão triste se sentir saudade, que é preciso ser a primavera da amada e depois morrer. O amor só tem sentido na plenitude da correspondência - «eu pra você, você pra mim», como na canção «*O Nosso Amor*». A tristeza precisa ser exorcizada, anulada, de modo que, no seu enlevo aprazível, os amantes possam viver em paz. Como nas pazes em que os enamorados se socorrem com o remédio do carinho, consolar-se na tristeza e buscar a reconciliação (diz ele em *Brigas nunca mais*) é a atitude mais

generosa dos amantes. E o prazer de estar juntos é tão pleno, a companhia do outro é tão aconchegante, que ao poeta não importa mais nada – as opiniões alheias, os convites às festas ao luar, e toda sorte de insinuação e provocação – ele prefere estar ao lado da sua amada - «eu sou mais você e eu», como afirma ele na bela canção *Você e eu*.

«Como é triste se sentir saudade», diz, ainda, na *Primavera*, com sua sensibilidade exacerbada. Nessa distância maior que a da estrela, ele nutre a esperança de que a poesia veja a primavera como uma ressurreição do amor. «Não há amor sozinho», eis o lema do amoroso cantor. E o seu amor é tanto que transborda poesia e ele sonha entregar-se à amada, ainda que isso lhe custe a própria vida («ser a tua primavera e depois morrer»). A primavera é o símbolo da plenitude do amor. A exuberância da natureza que brilha em cores, perfumes e luz é a metáfora que representa a totalidade do amor.

O sentimento de solidão e saudade está magnificamente retratado em *Onde anda você*, em lindos versos em que o poeta solitário pergunta pelo paradeiro de sua musa. Pergunta pelos seus olhos, pelo seu corpo, que tanto lhe proporcionou prazer, nas noites em que ambos curtiram momentos de felicidade. Pergunta pela canção que ouvia nos bares, na sua companhia. E ao sair na boemia, sem razão de ser, sonha com a pessoa querida e lamenta que não a encontre mais nas noites românticas, que se tornaram tristes e vazias. A letra parece iniciar-se a partir da frase de alguém que lhe despertou a lembrança. «E por falar em saudade, onde anda você?». «E por falar em paixão e em razão de viver», diz o poeta, como que aproveitando o mote, que a vida parece haver perdido o sentido sem o amor da musa. O poeta vaga, com um sentimento de abandono, «na noite vazia, numa boemia sem razão de ser» e a encontra em pensamento, «na rotina dos bares» e sonha com a possibilidade de que ela apareça de repente, e acabe, de uma vez, com a sua solidão e a sua saudade.

Na *Morena flor*, pergunta ele: «sem você, o que ia ser de mim?». E afirma: «tudo ia ser tão ruim». É que a mulher amada lhe preenche a vida de alegria. Sem ela, não há solução. Com ela a vida é plena e o tempo é eterno. Para o mal da separação, há o remédio do perdão. Como no *Samba da volta*, em que o perdão traz alegria e é a redenção do amor.

Toda a poesia de Vinicius de Moraes é um hino de devoção e entrega ao amor ideal que, embora seja chama perecível, é vivido infinitamente em sua duração. É o amor de se morrer de amar, por existir além do que é possível. O que pede perdão, porque só quem perdoa é perdoado. Os versos da canção *Insensatez*, inspirada no

sentimento contrito do perdão, falam de um coração sem cuidado que fez chorar de dor o seu delicado amor. Um coração que sente a dor do remorso e ouve a razão e, todo arrependimento, decide pedir perdão, apaixonado. Também em *Desalento* há uma confissão exacerbada do amante que não suporta a separação e quer se redimir dos momentos infelizes. Que está «louco pra perdoar». Assim, Vinicius recomenda que, quando aconteça um desentendimento entre os enamorados, o arrependido não hesite em declarar-se vencido pela saudade. Reconhecendo-se frágil, o amante deve «entregar os pontos».

Tomara, outra bela canção do nosso romântico Vinicius, é uma prece de ternura, cujo tema é a reconciliação. O poeta deseja o reencontro, quer reatar o amor. Faz votos de que a sua predileta volte depressa e já não se despeça do seu carinho. Que a dor da separação a comova, ao ponto de fazê-la compreender que «é melhor se sofrer junto que viver feliz sozinho». Pois, na atração do verdadeiro amor, há uma trama – tão antiga quanto o ser humano, em que os amantes se envolvem pelo sentimento e desfrutam de tal bem-aventurança, que sentem «a coisa mais divina que há no mundo». Segundo o nosso Vininha, como os admiradores o tratamos carinhosamente, «a coisa mais divina que há no mundo é viver cada segundo como nunca mais». Musa, você bem sabe o quanto acreditamos nessa utopia da felicidade e do êxtase, que vivenciamos, em uníssono, com Vinicius, em espírito, em momentos inesquecíveis.

Esse ideal utópico de encantamento verifica-se em *Ai quem me dera*. A expectativa do humanismo fraterno se retrata nesses votos magnânimos: terminasse a espera, o canto estancasse o pranto, o anjo nascesse com a morte da fera. A flor brotar na manhã feliz, na estação do amor. Nesse ambiente paradisíaco, luminoso, de bondade e pureza, augura o que há de mais precioso para a humanidade: «que as pessoas se tornassem boas/ e cantassem loas e tivessem paz/ e pelas ruas se abraçassem nuas, ao som de madrigais;/ ver todo mundo para sempre a fim e a liberdade nunca ser demais» Só um poeta de assombrosa verve concebe, numa simples canção, tamanha expressividade. Essas imagens e conceitos, de tão extrema beleza e tão alta fábula, mostram delicadeza e magnanimidade no seu pensamento.

Belas imagens há, também, dignas de ressaltar, na letra de *Saudade do Brasil em Portugal*. Esse fado dolente e melodioso revela um momento de crucial nostalgia do nosso poetinha. Diz ele que as lágrimas que chorou de amor fizeram nascer um mar que une e separa. Une, pela voz do vento que nas ondas espalha o seu lamento. Separa, pela crueldade da ausência e da solidão. E sente a

dor que mói o coração, chorando ao pensar na amada. Assim, adorável musa, sinto-me abalado pela saudade, chamando o destino de ingrato, porque nos obriga a esta sofrida condição de amar à distância, apartados pelo mar da ausência. Escuto o afro-samba *Tristeza e solidão*, dele e do Baden Powell, e me identifico em todas as palavras. Que sensibilidade mostra o nosso poeta, quando ele se queixa: «quanta tristeza cabe numa solidão!». Num canto de comovente beleza, ao lamentar a tristeza de sentir-se desprezado, quisera que a amada adivinhasse a sua desolação e o seu desamparo. E, para não morrer de dor, recorre aos orixás (vai ao Babalaô) para pedir o seu regresso. «Se ela soubesse o que acontece/quando estou tão triste assim». Belo poema que, na música de Baden Powell, mostra todo o sentimento de angústia do poeta abandonado pela mulher dos seus sonhos. A dor de estar distante da pessoa amada é uma condição desesperadora. Pra ele é a pior prova, o inferno, o martírio. O amor correspondido é o bálsamo, o céu, a salvação. Mas ele tem consciência de que os benefícios do amor custam caro – exigem o sacrifício inerente à condição existencial: «Ah bem melhor seria poder viver em paz/, sem ter que sofrer nem ter que chorar/. Não existe coisa mais triste que ter paz». Mas se amar é sofrer, ele não foge do sofrimento – sabe que o poeta só é grande se sofrer («Assim como uma nuvem só acontece se chover», diz ele em «Eu não existo sem você»). Essa idéia se confirma em *Como dizia o poeta*: «Quem já passou por essa vida e não viveu,/ pode ser mais mas sabe menos do que eu./ Porque a vida só se da pra quem se deu,/ pra quem amou pra quem chorou pra quem sofreu./ Quem nunca curtiu uma paixão/ nunca vai ter nada não». Essa é a fé, a ideologia, a religião de Vinicius. «Não há mal pior do que a descrença,/ mesmo o amor que não compensa é melhor que a solidão». O Evangelho segundo Vinicius afirma que só quem se entrega ao fluxo da paixão conhecerá a redenção em vida. Ele fundou uma poética embasada num cristianismo existencialista, flexível, permissivo, em que a sensualidade e a paixão têm um poder glorificador. Formulou assim uma espécie de doutrina, cujos ditames consistem em exercitar-se no amor humano redentor, que não exclui a paixão dos amantes. «Como dizia o poeta» é uma paráfrase do poema *Ilusões da vida*, do poeta romântico Francisco Otaviano: «quem passou pela vida em branca nuvem/ e em plácido repouso adormeceu;/ quem não sentiu o frio da desgraça,/quem passou pela vida e não sofreu:/ foi espectro de homem, não foi homem,/só passou pela vida, não viveu».

É espectro de vida, não vida, não sentir a dolorosa delícia do amor. Esse hino à coragem de amar define a forma de viver de

Vinicius de Moraes. A fortuna do viver reside na entrega às paixões, o melhor da vida está em sentir a emoção de amar. A vida, sem o entusiasmo e o estímulo da sentimentalidade, é algo insignificante. Viver sem o encanto de amar alguém não é mais que vegetar, é o mesmo que viver parcialmente ou «desviver». Para viver integralmente é preciso viver um grande amor. É preciso dividir, em vez de somar. «Quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter nada não». A riqueza verdadeira é a interior, a existencial, a do sentimento. Ele reitera: «eu francamente já não quero nem saber/ de quem não vai porque tem medo de sofrer». Pois, «quem não rasga o coração, nunca vai ter nada não./ Quem nunca curtiu uma paixão,/ esse não vai ter perdão». Sejam devotos do Evangelho viniciano, cuja moral libérrima é um tratado, não só do amor absoluto, mas da delicadeza e da liberalidade.

Essa filosofia se expressa também em *Testamento*: aquele que só ganha pra juntar, não perde por esperar. Verá a fria em que vai entrar. Aquele «que só tem mulher pra usar ou pra exhibir» é um imbecil que não entende que a mulher foi feita pro amor e pro perdão. E em *Para viver um grande amor*, ele anuncia o seu ideário, resume a sua doutrina amorosa. Não anda só quem se acompanha da boa companhia do violão, da canção e da poesia e conhece os recursos essenciais para viver um grande amor. Essa arte sublime requer, além de seriedade, «ser um homem de uma só mulher,/ sagrar-se cavalheiro e ser de sua dama por inteiro seja lá como for». «Há que fazer do corpo uma morada/ onde enclausure-se a mulher amada». «Ter muito peito de remador», «ter um crédito de rosas no florista», «saber preparar comidinhas para depois do amor». «Ser doce e conciliador, sem covardia» «e achar a grande amada na selva escura e desvairada do mundo». Viva o poeta que ensina o essencial da vida e, de forma autêntica, nos orienta para sermos dignos do amor!

No *Canto de Iemanjá*, Vinícius celebra a deusa do mar. Ele sabe que dela provém o esplendor que inspira a paixão e a tristeza intrínsecas à natureza humana. A beleza que vem do luar, no céu, vem com muita tristeza. Porque vem transbordando amor e no amor há angústia e há perigo. Iemanjá simboliza a sedução, o encantamento de apaixonar-se. Na maré que vai e que vem, traduz a fascinação de amor. Nessa fascinação estão os perigos, aos quais o poeta se refere no soneto *Corifeu*, que figura no texto da peça *Orfeu*: «São demais os perigos desta vida pra quem tem paixão». Quando a lua chega de repente, enfeitiça o homem sensível, que não resiste à aproximação de uma mulher, cheia de música, luar e sentimento. A mulher é labareda, em cujo fogo o poeta se incendeia

e morre de paixão. A mulher é a rosa ardente, cuja chama é a dança sensual que o seduz e o torna romântico.

Ao invocar *Xangô*, fala de suas sete cores e dos sete dias da semana, feitos para o desfrute do amor. Não foge do fogo da paixão, a chama ardente que emana da força do orixá. Não dúvida que amar é sofrer. Em sua prece a *Xangô*, prepara-se para o sofrimento, pois o que importa é morrer de amar e tem consciência de que amar é morrer de dor.

Como é grato recordar que esse poeta, guru dos enamorados, só nos inspira apreço, carinho, respeito e estima! Ele nos alertou que «todo grande amor só é bem grande se for triste» e fomos fiéis à sua orientação poética. Instemos as criaturas do mundo a amar sem medo de sofrer, pois que «viver sem ter amor não é viver».

No *Samba em Prelúdio*, confirma-se o que ele declara sempre: que sem a amada não tem razão de ser. Na ausência dela, ele é «chama sem luz, jardim sem luar, luar sem amor, amor sem se dar». É «só desamor, um barco sem mar, um campo em flor». A tristeza causada pela distância da amada torna-lhe a vida sem qualquer motivação. Aturdido pela saudade, ele apela para ela volte. Carente, sozinho, com «os olhos cansados de olhar para o além», sente-se insignificante, sem a companhia mais desejada. Não sabe nem chorar. Tal é o sentimento dos que se apaixonam e reconhecem a importância de continuar amando.

A poesia de Vinicius é esse extravasamento de afeto e doçura. Nos poemas publicados em livro ou nos escritos para as canções, a musa é aquela que lhe alivia o padecimento. A ela suplica amor e compreensão «para que eu não sofra mais tanta mágoa assim». Ela «é o que resiste ao desespero e à solidão». Nestes versos, vê-se o quanto o poeta sente a vida vazia, sem a companhia mais desejada. É ela o antídoto para o que há de pior na vida: o desespero, a solidão e a mágoa que ficam renitentes, depois da frustração sentimental. A paixão se manifesta, portanto, como uma energia edificante e desconcertante, a um só tempo. Uma espécie de inquietação lúcida, que conduz ao êxtase, e uma redenção absurda, que mais parece um distúrbio psíquico. O apaixonado, macerado de saudade, sente uma crescente angústia, que pode levá-lo ao desespero. Tem uma sensação de crise existencial, difícil de controlar. Uma instabilidade que só se supera com grande esforço interior. Para vencer a dor de se sentir abandonado, necessita de uma força de concentração descomunal: «O amor é uma agonia,/ vem de noite vai de dia,/ é uma alegria e de repente uma vontade de chorar» - definição exata transmitida em «Tomara». Não há, em Vinicius, qualquer diferença entre os conceitos de amor e de paixão.

Impossível para ele o amor sem paixão e vice-versa. Para estar sempre expressando esse sentimento em poesia, tentava manter viva a paixão, ao longo de toda a convivência. A impossibilidade dessa motivação permanente significava o fim do amor.

Em *Chega de saudade*, Vinicius pede à própria tristeza que seja mensageira do desconsolo que sofre. A tristeza, por ser grave e profunda, usará a linguagem solene da religião: a prece que tem, na força da fé, a potência e o alento de demover a decisão da amada e fazer com que ela mude de opinião e regresse, pois, sem ela, não há razão de ser, a melancolia é uma idéia fixa que não lhe dá trégua. Sem ela, «não há paz, não há beleza». O mundo perde o sentido, a vida é amarga, os dias ferem como punhais. Só a esperança da reconciliação o consola. Trata-se de uma questão de sobrevivência: «se ela voltar, se ela voltar, que coisa linda, que coisa louca». Seria a ressurreição da bem-aventurança. O poeta sonha com a forma carinhosa com que a receberá: «há menos peixinhos a nadar no mar do que os beijinhos que eu darei na tua boca». Imagina os beijos e abraços do reencontro, em que recuperaria o tempo perdido, o tempo em que não estiveram juntos. Seriam, pois, «milhões de abraços apertados, colados, abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim». Essa explosão de emoção, que reverteria a penosa situação do rompimento da relação amorosa, transformaria a vida num mar de felicidade. Pois o sonho do poeta é «acabar com esse negócio de você longe de mim».

Que nos inspire sempre esse poeta, o arrebatado, o exacerbado de paixão. Esse visionário que sonha com o perdão, com o apogeu do amor e com a entrega recíproca ao ímpeto dos carinhos, sem temor às conseqüências, sem restrições, vencendo obstáculos e preconceitos.

Outro lindo soneto, o de *Quarta-feira de Cinzas*, (Rio, 1941), merece um comentário especial, por traduzir a expressão de gratidão, estima e admiração pela pessoa amada. Nele Vinicius enumera as virtudes da bem-amada: «grave e pura/em tão doce surpresa conquistada». A doce surpresa atribui um valor especial ao encontro e à consumação do amor. E essa surpresa adquire proporções de êxtase, pelas qualidades de gravidade e pureza da musa. Encantado com essas virtudes, com a sua sinceridade e doçura, o amante vê nela «uma brancura de manhã raiada». As qualidades físicas e espirituais da musa semelham à intensa luminosidade da hora matinal. É a luz magnífica do amor que clareia a alma do apaixonado e o enfeitiça, por sua inusitada condição.

Prossegue o enaltecimento das qualidades da pessoa que o inspira: «Por seres de uma rara formosura/malgrado a vida dura e

atormentada». A bondade e a beleza da amada vencem os perigos da paixão. Anulam a inveja dos inimigos do amor. O amor definido como «mais que a simples aventura» tem a profundidade do sentimento que deixa marcas definitivas. E a condição de ser «menos que a constante namorada» produz a sensação de desejo não plenamente satisfeito e incita à sua continuidade.

O poeta evoca o nascimento de um enlevo que surgiu «qual noturna flor», despertada por palavras amorosas. Palavras «talvez perjuras», as quais, pronunciadas no começo do envolvimento, expressam o entusiasmo da paixão. Porém, o terceto final, de uma beleza exuberante, revela a existência de um conflito ou um impasse no desenvolvimento da convivência amorosa: «por não te possuir, tendo-te minha/ por só quererem tudo e eu dar-te nada». Esses termos paradoxais configuram a incômoda situação em que os amantes estão impedidos de dar plena continuidade à doação recíproca. Não obstante essa terrível incongruência na atração dos corpos e das almas, o poeta sublima o sentimento numa certeza consoladora: «hei de lembrar-te sempre com ternura». Seja o amor sublimado o consolo dos amantes que, inconsoláveis, põem termo ao vínculo amoroso que os unia.

No poema *Ausência*, que é uma espécie de despedida, ele declara: «eu deixarei que morra em mim o desejo de amar os teus olhos que são doces,/ porque nada te poderei dar senão a mágoa de me veres eternamente exausto./ No entanto, a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida./ E sinto que em meu gesto existe o teu gesto e em minha voz a tua voz». Diz ele, dessa maneira, que, embora tenha que se despedir da sua amada, (deixando que morra o desejo de amar os seus olhos), levará na lembrança o gesto e a voz que dela assimilou no convívio amoroso. Parece impossível a continuidade da relação (porque só poderá oferecer-lhe a mágoa de estar exausto de lutar, certamente, contra inexoráveis obstáculos). No entanto, existe a certeza de que «a tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida». Certeza que o inspira a aceitar a separação, renunciando à entrega de si, como se renuncia à luz e à vida. E mesmo com essa perspectiva paradoxal de amar impossivelmente, («não te quero porque em meu ser tudo estaria terminado»), ele afirma que a deseja de um modo arrebatador: «Quero que surjas em mim como a fé nos desesperados». Assim, o amor, pleno ou despedaçado, é a gota de orvalho que o consola na terra amaldiçoada da separação «que ficou sobre a minha carne como uma nódoa do passado»..

E quando a amada estiver distante, acompanhada, talvez, de outro («face encostada e dedos entrelaçados») ela nem saberá que ele foi quem a colheu, porque foi ele o grande amante que

encostou a face na face da noite, da qual foi grande íntimo e ouviu a sua fala amorosa, os dedos enlaçados nos dedos de névoa do abandono. «Eu ficarei só como os veleiros nos portos silenciosos, mas eu te possuirei mais que ninguém, porque poderei partir. E todas as lamentações do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas, serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua voz serenizada». Nesta conclusão do poema, Vinicius afirma que não existe adeus pra quem ama, pois mesmo diante do mais absoluto empecilho, ele ouvirá, na própria natureza, através do mar, do vento, do céu, das aves, das estrelas, a voz da pessoa amada. E, contraditoriamente, como são as coisas do amor, ele a possuirá plenamente, em alma e pensamento, apesar da separação dos corpos. Trata-se, portanto, do sentimento integral de afeição e de carinho que se impõe, sublime, inefável, não obstante a própria impossibilidade do amor.

No *Soneto a Katherine Mansfield*, (Rio 1937), Vinicius recorda, através das cartas recebidas, o perfume azul da amada. O azul é a cor evocativa da saudade, nesse contexto de encantamento. O perfume traz-lhe à memória as suas mãos, plenas de belas qualidades: «sentidas, brancas, leves, fenecidas», lembradas num ambiente de amavios: «pendendo ao longo de corolas fartas». Assim fica o poeta, no doce recordar, aspirando o perfume que o aproxima da amada. Que faz com que duas vidas se tornem uma, na reciprocidade do amor. No entanto, a saudade fere-lhe a sensibilidade e faz correr-lhe o pranto. Nesse ambiente de perfume, na primavera que se anuncia, sonha o apaixonado, tendo visões intermitentes da que adora. Tal é o poder evocativo do perfume que, preso em suas cartas, a faz surgir e ressurgir, ante a perspectiva da estação que suscita o que há de sensual e espiritual no sentimento humano – os sonhos e as preces. Os sonhos trazem a imagem querida à sua presença. As preces renovam a esperança do encontro ardentemente desejado.

Eis o nosso poeta, querida musa: o homem cordial, avesso a toda intriga. Admiremos-lhe sempre a grandeza e a beleza da missão, a sua busca do absoluto, o seu gosto pela vida intensa, sua ânsia de traduzir o sentido poético das coisas, o dom de ser amigo fiel, o privilégio de haver nascido marcado pela paixão, de haver sido propositor dos novos valores da sociedade, de haver alimentado o coração de lirismo real. Ele que foi o namorado das meninas da ilha do Governador, o pajem das moças de bicicleta, o discípulo de Manuel Bandeira, o amigo de Neruda e de Ungaretti, o militante da generosidade. O rapaz educado em Oxford. O talento precoce. Crítico de cinema. Dramaturgo. Cronista. Cantor do amor e da morte. Grande íntimo da noite. Avesso à literatura que não

fosse ligada à vida e ao sentimento. Também o irreverente que se hospedava em bordéis, o cavalheiro que cobria de flores a sua eleita e a celebrava em alta poesia. O que nos ensinou que «ter medo de amar não faz ninguém feliz». O que manifestou sempre «o infinito desejo de ser o que sou acima de mim mesmo».

NOTA FINAL:

Este ensaio sobre Vinicius de Moraes é uma síntese das publicações que li a seu respeito. As de José Castello, Geraldo Carneiro, João Carlos Pecci e Sônia Marrach, além de diversos artigos de crítica literária, entrevistas e reportagens de revistas e jornais, depoimentos do próprio poeta, gravados e escritos, e o filme «Vinicius» de Miguel Faria Jr. Não acrescento novos dados ao que já se disse acerca do poeta - não parece fácil descobrir novidades a respeito de alguém cuja notoriedade e o temperamento aberto levaram ao conhecimento público os episódios de sua vida. Creio, contudo, que esta obra se valoriza como expressão de apreço de um admirador que escreve com a linguagem do afeto. Pelo menos essa é a intenção. Um texto escrito com emoção. Tanto assim que tem o título de «Apologia de Vinicius de Moraes».